

O GALO

ANO XIII - Nº 10 - Novembro 2001 NATAL-RN FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO - DEPARTAMENTO ESTADUAL DE IMPRENSA

Oswaldo Lamartine

No dia 14 deste mês, a Academia Norte-riograndense de Letras deu posse ao escritor Oswaldo Lamartine, um dos nomes mais importantes da etnografia brasileira da atualidade.

Para homenageá-lo, O GALO publica um **Encarte especial** sobre a sua posse, contendo ainda a saudação que lhe prestou o jornalista e acadêmico Vicente Serejo. No seu discurso, o novo imortal



explica a demora em tomar posse na cadeira que já foi ocupada por seu pai, Juvenal Lamartine, e pelo folclorista Veríssimo de Melo: “Simplesmente, sou um encabulado que se perturba em ajuntamento de gente, clarear de luzes, adereços, pompa e louvações”. Na sua saudação, Serejo descreve Oswaldo como “o último príncipe do Grande Sertão de Nunca-Mais”.

Majela Colares

Dentre os novos nomes da poesia pernambucana, o cearense Majela Colares é um dos mais citados, com uma obra em progresso que já conta cinco livros. Em entrevista a O GALO, ele comenta o seu “auto-exílio” no Recife, a exemplo do que fizeram o alagoano Jaci Bezerra Lima, o cearense César Leal e o paraibano Mário Hélio, e justifica: “Recife não é só uma alternativa culturalmente viável no Nordeste, mas uma alternativa culturalmente viável no Brasil”. Colares defende ainda um diálogo permanente entre os poetas e intelectuais nordestinos, bem como a especificidade da poesia em tempos avessos à arte poética.

03 *Um centauro iconoclasta*
Roberto da Silva



07 **Entrevista**

Embora nascido no Ceará, o poeta Majela Colares encontra-se hoje plenamente "aculturado" ao meio intelectual recifense, inclusive como um dos editores da revista cultural *Calibán*. Autor de cinco livros de poesia, o último dos quais lançou em Natal, em setembro, em entrevista com O GALO, Colares conversa sobre sua poesia, as influências que sofreu e a opção que fez de morar no Recife, onde hoje convive com vários poetas pernambucanos, alagoanos, cearenses e paraibanos. Para ele, a capital pernambucana é um dos pólos culturais do país.

11 *A poesia de passagem de Majela Colares*
Nelson Patriota

12 *Meu encontro com Rachel de Queiroz*
Getúlio Araújo

13 *O romantismo tem vida eterna*
João Wilson Mendes Melo

15 *A vida é doce*
Alexis Peixoto

17 *Vamos comemorar o centenário de Augusto Severo*
Claudio Galvão

19 *De revisores e traduções*
José Augusto Rodrigues

20 *Segredos do vernáculo*
José Melquíades

22 *Noite de insônia*
Fernando José

23 *Correio do Galo/Lançamentos*

24 *Ulisses*
Alfred, Lord Tennyson
Tradução de Nelson Patriota

De imortalidade potiguar e poesia pernambucana

A nova poesia pernambucana tem acentos cosmopolitanos. Por suas artérias circula a seiva que procede dos mais distantes lugares do Nordeste, e entre seus novos nomes está o cearense Majela Colares, cujo livro mais recente, *Confissão de Dívida e Outros Poemas*, foi lançado em setembro, em Natal. Em entrevista a O GALO, Colares conversa com o jornalista Nelson Patriota sobre a condição de poeta em tempos de tensão e xenofobia, como o que atravessamos no cenário internacional; comenta a coincidência de que poetas alagoanos, paraibanos e cearenses busquem no Recife os meios e a inspiração para sua arte - os exemplos são abundantes: Jaci Bezerra Lima, César Leal, Mário Hélio, Rêgo Monteiro, Janildo Andrade, entre outros. Complementando a entrevista, um trabalho de Nelson Patriota sobre a poesia de Majela Colares, e uma seleção de poemas inéditos do mesmo Colares, a sair no seu próximo livro, no ano que vem.

No encarte que acompanha esta edição, O GALO homenageia o etnógrafo Oswaldo Lamartine de Faria, o qual tomou posse na Academia Norte-rio-grandense de Letras no dia 14. O encarte traz o discurso do novo imortal e a saudação que lhe fez o acadêmico e jornalista Vicente Serejo.

O centenário de nascimento do escritor Joaquim Inojosa é lembrado por Roberto da Silva num ensaio em que realça o papel que Inojoso desempenhou como divulgador das idéias do modernismo no Nordeste e a polêmica que travou com Gilberto Freyre em torno da autenticidade do "Movimento regionalista", deste último.

Outro centenário lembrado neste número (antecipando-se ao ano 2002) é o da morte de Augusto Severo, pioneiro norte-rio-grandense da aviação e impulsionador da ciência aeronáutica, como mostra o pesquisador Claudio Galvão. O professor José Melquíades, falecido no mês passado, é lembrado aqui com o texto "Os segredos do vernáculo", e o acadêmico João Wilson Mendes Melo comenta a permanente atualidade do romantismo, num texto pessoal e, por que não?, romântico. As relações amiúde difíceis dos tradutores com os revisores são o tema do ensaio do tradutor José Augusto Rodrigues, enquanto o escritor Getúlio Araújo escreve sobre um encontro com Rachel de Queiroz.

A ficção apresenta o novo contista Alexis Peixoto, com "A vida é doce".

De poesia, temos trabalhos inéditos de Majela Colares e de Fernando José, além de um poema de Tennyson, em tradução de Nelson Patriota.

Ilustrações de Francisco Iran Dantas e fotos de Clóvis Tinoco ilustram os textos desta edição.

Atenciosamente,

O Editor

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE

GARIBALDI FILHO
Governador

Fundação José Augusto
WODEN MADRUGA
Diretor-Geral

JOSÉ WILDE DE OLIVEIRA CABRAL
Assessor de Comunicação Social

Departamento Estadual de Imprensa
LUCIANO FLÁVIO FERRAZ PORPINO
Diretor-Geral



O GALO

Nelson Patriota
Editor

Tácito Costa
Redator

Colaboraram nesta edição: Roberto da Silva, João Wilson Mendes Melo, Alexis Peixoto, Fernando José, Claudio Galvão, José Augusto Rodrigues, Getúlio Araújo, Majela Colares, José Melquíades, Iran Pereira e Clóvis Tinoco.

Foto da capa: Clóvis Tinoco.

Redação: Rua Jundiaí, 641, Tirol - Natal-RN - CEP 59020.220 - Tel (084) 221-2938 / 221-0023 - Telefax (084) 221-0342.

E-mail do editor: nelson@digl.com.br

A editoria de O Galo não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Um centauro iconoclasta

Em agosto de 1922, um pernambucano de 21 anos, acadêmico da Faculdade de Direito do Recife, viajou ao Rio de Janeiro, onde participou do 1º Congresso Internacional de Estudantes e das festas do Centenário da Independência.

Roberto da Silva

Aquele moço, Joaquim Inojosa (1901-1987), estendeu sua viagem até São Paulo. Lá, conheceu alguns dos participantes da Semana de Arte Moderna, que acontecera em fevereiro daquele mesmo ano. Inojosa foi recebido na redação do *Correio Paulistano* por Menotti del Picchia, cujo livro *Juca Mulato* fora de acentuada influência em seus entusiasmos juvenis pelas letras. Ali mesmo, Oswald de Andrade se encarregou de lhe transmitir o ideário modernista. No atelier de Tarsila do Amaral, esta e Anita Malfatti lhe pintaram um retrato. Na casa de Mário de Andrade, participou de uma reunião do grupo *Klaxon*, primeira revista modernista brasileira. Além desses e de Guilherme de Almeida, Inojosa contactou outros modernistas.

Retornando ao Recife, contagiado pelo entusiasmo dos paulistas e carregando na bagagem exemplares da *Klaxon* e livros de Menotti, Mário e Oswald, Inojosa iniciou a tarefa de difundir o novo credo e combater as velhas formas de arte.

Sua missão teve início com a publicação do artigo *Que é futurismo* (Ao Dr. Faria Neves Sobrinho), em *A Tarde*, do Recife, em 30 de outubro de 1922. É sua resposta ao artigo sobre



Joaquim Inojosa por volta de 1920, quando visita a cidade de São Paulo e trava conhecimento com próceres do modernismo, como Menotti del Picchia, Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral

Torquato Bassi que o acadêmico e jornalista Faria Neves Sobrinho, seu ex-professor de Latim, publicara três dias antes no *Diário de Pernambuco*. Em seu texto, Inojosa estranha “as referências amargas feitas aos ‘cubistas’, ‘dadaístas’, ‘futuristas’ e quanto mais ‘istas’ vai gerando o ‘desequilíbrio mental da hora presente’, e que acham a obra daquele pintor ‘atrasada, romântica, fora de moda...’” e explica, mais adiante, o que é futurismo em poesia, em romance, em música, em pintura, e “em todas as artes, atualização, criação.” (INOJOSA, 1982).

A partir daquele momento, Inojosa publicou uma série de artigos, em periódicos do Recife, objetivando divulgar o modernismo. Aliás, as palavras “modernismo” e “futurismo” se confundem até 1924. Comentou livros dos novos como *Os condenados*, de Oswald de Andrade, *Paulicéia desvairada*, de Mário de Andrade e *O homem e a morte*, de Menotti del Picchia.

Embora de início não tenham despertado interesse, posteriormente esses artigos provocaram reações que foram veiculadas em periódicos como *Dom Casmurro*, *Diário de Pernambuco*, *O Fiau*, *A Pihéria*, *O Fogo*, pelos quais os novos e o seu divulgador eram ironizados, ridicularizados. José Lins do



Os escritores Joaquim Inojosa e Luís da Câmara Cascudo, entusiastas dos ventos modernistas que sopravam da Paulicéia, num flagrante tirado no ano de 1924, quando ambos cursavam a faculdade de Direito do Recife e faziam projetos literários sob a estética de 22

Rego, colega de Inojosa na faculdade, ficou do lado oposto no primeiro momento; Gilberto Freyre também, uma vez que estava mais interessado em resguardar os valores tradicionais e valorizar as realidades regionais, tendo, pelas páginas do *Diário de Pernambuco*, criticado duramente o ideário futurista.

Mas Inojosa foi avante.

Incompreendido no seu Estado, teve, contudo, as manifestações de apoio dos modernistas do sul, como Menotti, Oswald e Mário de Andrade, Prudente de Moraes, neto, Rubens Borba de Moraes e Sérgio Milliet, que então vivia em Paris.

Tendo se tornado o representante da *Klaxon* em nossa região, conseguia assinantes para a revista e fazia sua divulgação pelo Nordeste.

No Rio Grande do Norte, um jovem jornalista, Luís da Câmara Cascudo, também colega de Inojosa na Faculdade de Direito do Recife, logo abraçou as idéias novas.

Em Pernambuco, o primeiro apoio importante à missão de Inojosa somente aconteceu em 1923, com a adesão do po-

eta Austro-Costa, que de início se opusera ao modernismo. Sua ligação ao movimento se efetiva com a publicação de seu poema "O Recife da madrugada é um poema futurista", no nº 1 de *Mauricéia*, revista fundada por Inojosa naquele ano com o objetivo de divulgar o modernismo.

Essa revista teve duração efêmera: apenas quatro números, de novembro de 1923 a janeiro de 1924. Conforme Neroaldo Pontes de Azevêdo, "(...) não se pode falar de *Mauricéia* como uma revista modernista, mas foi certamente uma das armas de luta pela divulgação do modernismo em Pernambuco." (AZEVEDO, p. 53).

Com o fim de *Mauricéia*, Inojosa passa a escrever no *Jornal do Commercio*, aos domingos, uma página em que, entre junho de 1924 e setembro de 1925, divulgou produções de Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Ascenso Ferreira, entre outros. De Luís da Câmara Cascudo, Inojosa publicou os poemas "Kakemono" e "Shymmy".

Uma carta de Cascudo a Inojosa, datada de 9 de setembro de 1925, dá-nos uma idéia do papel do escritor potiguar naque-

la fase heróica do modernismo: "Aqui tenho feito maravilhas. Arrebanhei Othoniel Menezes, Jorge Fernandes, Luís Torres, Pedro Lopes Júnior, Joaquim Wanderley, grande nomes das catorze patas do soneto. Escrevi coisas tremendas. Tenho feito rumor, barulho, guincho." (Apud INOJOSA, 1973, p. 48 e 109).

Todavia, o fato que iria suscitar acirradas discussões nos arraiais da inteligência aconteceu em 1924, quando Inojosa publicou *A arte moderna* - Carta literária dirigida a Severino de Lucena e S. Guimarães Sobrinho, diretores da revista *Era Nova*, da Paraíba. Inojosa colaborava no periódico, que não era indiferente à renovação artística e literária iniciada em São Paulo. A carta enviada a seus diretores e a seguir editada em plaquete consistia em sua resposta ao convite que lhe fora feito, em editorial, para ser o representante da revista em Pernambuco. Depois de historiar o que vinha sendo até então o movimento que divulgava, seus ideais, seus nomes mais proeminentes, suas produções, transcrevendo fragmentos de algumas delas, poemas inteiros de Guilherme de Almeida,

Mário de Andrade e outros, daqui e da-lhures, Inojosa convoca a adesão da revista ao modernismo: “Seja a *Era Nova* o porta-voz de todos os clamores de renovação, e assim terá cumprido a sua mais nobre finalidade. Seja a *Klaxon* paraibana.” (INOJOSA, 1984, p. 39).

A publicação de *A arte moderna* teve repercussão em Pernambuco e em outros Estados, quer de forma favorável, quer de forma negativa, bem como em países como a Argentina, onde foi traduzida, Portugal e França. Os cerca de quatrocentos artigos sobre *A arte moderna* podem ser lidos nos volumes 1 e 2 de *O movimento modernista em Pernambuco*, de Inojosa (Rio: Gráfica Tupy, Ltda. 1968).

Leiamos duas opiniões acerca de *A arte moderna*, uma da época de sua publicação e outra mais recente. Em *A Imprensa*, de Natal, em 22 de agosto de 1924, escreveu Luís da Câmara Cascudo: “Como está elegantemente escrita, salpicada de citações e alguns alfinetes, a ‘carta’ fez mais barulho do que a Confederação do Equador.” (Apud INOJOSA, 1984, p. 45). Lembremos que naquele ano transcorria o centenário da Confederação do Equador, daí a comparação cascudiana.

Wilson Martins afirmou ser *A arte moderna* “(...) um dos mais indiscutíveis clássicos na história do modernismo. Foi em torno dele e a partir dele que se concentrou todo o enorme debate da literatura de vanguarda no Nordeste durante a década de 20 (...) o modernismo só ocorreu no Nordeste com o livro e em torno do livro de Inojosa.” (Apud INOJOSA, 1977, p. 37-38).

Ressaltemos que em 1924, no Pará, Bruno de Menezes, pelas páginas da revista *Belém Nova*, ao comentar *A arte moderna*, formalizava seu apoio a Inojosa e sua adesão ao modernismo: “Aliancemo-nos e clamemos o Credo Novo.” (Apud INOJOSA, 1984, p. 51).

Além de publicar seu livro, naquele ano Inojosa dava continuidade à marcha da renovação fazendo uma conferência na sede da Rádio Clube de Pernambuco e atraindo para suas hostes o poeta paraibano Raul Machado.

Outra importante contribuição de Inojosa à campanha modernista foi a publicação de *O Brasil brasileiro*, conferência por ele proferida em Moreno, PE, em 1925. Nesse opúsculo, o autor define o que parecia ser o Brasil sonhado pela juventude renovadora da época, conclamando-a à tarefa de construir o Brasil brasileiro: “Devemos fundar uma literatura inspirada



Inojosa lê para José Américo de Almeida, na residência deste, no Rio, em 1968, uma entrevista que o mesmo concedera sobre o modernismo na década de 20

nos nossos costumes e nossa natureza, uma música que sejam motivos brasileiros estilizados, uma pintura que reflita as cores de nossas paisagens, uma escultura e uma arquitetura que digam dos nossos movimentos e da nossa quietação, das nossas belezas refletidas através da visão artística. § Depois, uma política nacional, que agite todas as forças vivas do país (...) Exploremos as riquezas existentes nesta imensa natureza (...) organizando a indústria, desenvolvendo a agricultura, impulsando o comércio (...)” (INOJOSA, 1977, p. 132).

Além da divulgação das obras modernistas, Inojosa trouxe ao Recife também em 1925, o poeta Guilherme de Almeida que fez conferência sobre “O espírito de brasilidade na atual poesia brasileira”. No mesmo ano, Oswald de Andrade aproveitou sua passagem pelo Recife, a caminho da Europa, para, em companhia do amigo pernambucano, conhecer a cidade.

Em 1927, Mário de Andrade, em sua viagem etnográfica, esteve no Recife, onde se encontrou com Inojosa e Ascenso Ferreira, em cuja casa passou toda uma

tarde ouvindo versos do futuro autor de *Cana-caiana* (Cf. ANDRADE, 1983, p. 56). SSS

Passaram-se os anos. A campanha de Inojosa fora vitoriosa. Publicaram-se livros como *Catimbó* (1927), de Ascenso Ferreira, cuja dicção moderna será consignada em livros posteriores; *Poemas* (1927), de Jorge de Lima; *Livro de poemas* (1927), de Jorge Fernandes; *A bagaceira* (1928) e *Coiteiros* (1935), de José Américo de Almeida; *O quinze* (1930), de Rachel de Queiroz; *Menino de engenho* (1932), de José Lins do Rego; *Caetés* (1933), de Graciliano Ramos e tantas outras obras modernistas, destes e de outros autores.

Porém, quando se fala de Inojosa e do papel por ele desempenhado no modernismo brasileiro é inevitável abordar sua questão com Gilberto Freyre. Essa história tem início em 1951, ano em que uma entidade dirigida pelo sociólogo comemorou o jubileu de prata do 1º Congresso Regionalista do Nordeste. Naquela ocasião, Gilberto Freyre leu um texto por ele apresentado como o mesmo que teria sido

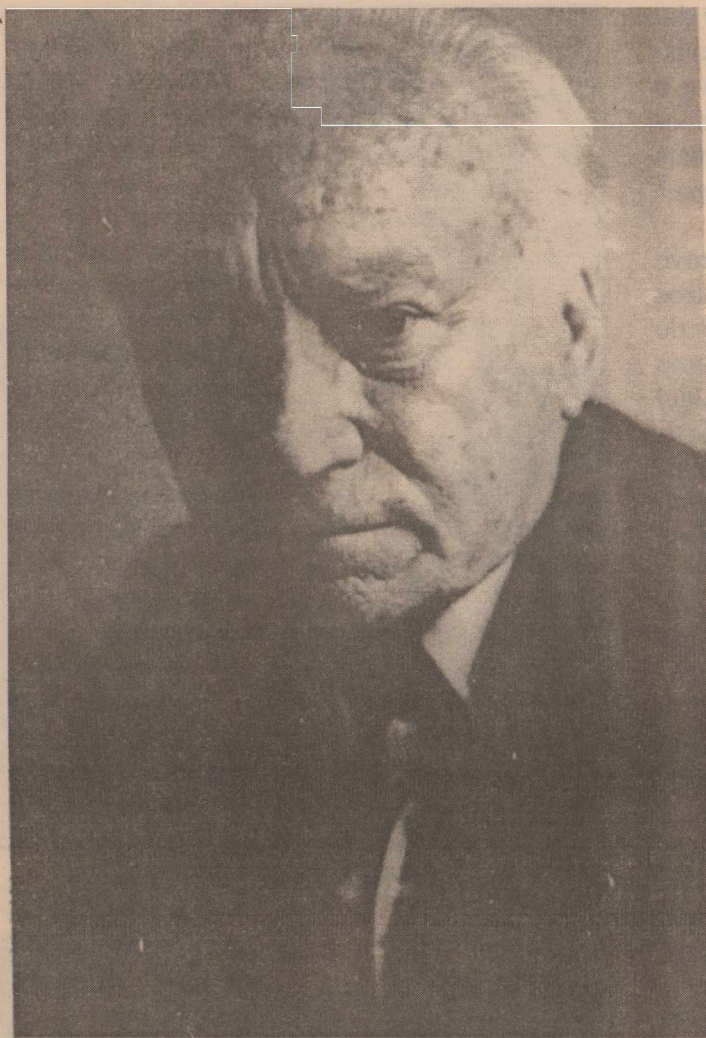
lido em 1926, durante o congresso. Publicado em 1952, esse texto recebeu o título de *Manifesto regionalista de 1926*.

Os críticos, fundamentados pelas afirmações de Gilberto Freyre, acreditaram tratar-se verdadeiramente de um documento histórico do movimento regionalista de 1926. Wilson Martins, todavia, questionou a data da elaboração do manifesto, afirmando que, a julgar pelo estilo, o autor havia praticamente reescrito o seu trabalho. Outra dúvida de Martins foi quanto ao atraso com que Gilberto Freyre atribuiu ao seu texto a importância de um documento histórico (Cf. AZEVÊDO, p. 151-152).

Inojosa, autor e personagem do movimento de renovação estética dos anos 20, havia reunido vastíssima documentação sobre o assunto e denunciou publicamente o que por ele foi considerado uma fraude de quem se apegava “à oportunidade da revivescência do Modernismo para exhibir-se como líder modernista do Nordeste - até mesmo do Brasil -, Modernismo que combateu desde o regresso dos Estados Unidos, em 1923, até a partida para Europa em fuga providencial com Estácio Coimbra, em 1930.” (INOJOSA, 1973, p. 21-22).

Assim, a partir de 1968, com a publicação do 1º volume de *O movimento modernista em Pernambuco*, continuou suas denúncias em outros livros como *No pomar do vizinho - fraudes literárias de Gilberto Freyre* (1969), *Um movimento imaginário* (1972), *Carro alegórico - Nova resposta a Gilberto Freyre* (1973), *Pá de cal* (1978), *Sursum corda!* (1981), provando que o manifesto, tal como se conhece, foi elaborado em 1952.

Wilson Martins, para quem o único defeito do Movimento Regionalista do Recife é jamais ter ocorrido, resume as respostas de Gilberto Freyre a essas contestações, de Inojosa e às suas: “Gilberto Freyre admitiu que, de fato, o chamado ‘Manifesto Regionalista’ não levava esse título nem foi ‘imediatamente publicado’; o respectivo texto, esclarece ainda, segundo ‘prática que tem seguido’ foi ‘retocado e expandido’ para ‘publicações recentes’”. Ainda na mesma nota, Martins lembra que na 6ª ed. (1976) do *Manifesto Regionalista*, Gilberto Freyre confirma: “a) que o Movimento não teve a menor re-



Inojosa continua mal visto pelos partidários de Gilberto Freyre por haver denunciado, a exemplo do que faria Wilson Martins, mais tarde, o que considerou “uma fraude do sociólogo de Apipucos”, aludindo ao “Manifesto Regionalista” de Freyre

percussão; b) que o *Manifesto* surgiu ‘oralmente’; c) que sua primeira edição data de 1952.” (MARTINS, p. 378 n).

Em obras mais recentes, pesquisadores concordam com Martins e Inojosa. Consoante Neroaldo Pontes de Azevêdo “(...) as idéias de Gilberto Freyre, expressas na década de 20, devem ser buscadas nessas colaborações [artigos de imprensa da época e *Livro do Nordeste*], e não no *Manifesto regionalista de 1926*, que é texto de 1952. Conseqüentemente, a avaliação do Congresso Regionalista do Nordeste não pode ser feita a partir de um manifesto que não existiu.” (AZEVÊDO, p.153)

Nestor Pinto de Figueiredo Jr., em estudo sobre a correspondência de Gilberto Freyre a José Lins do Rego, observa nesses documentos a ausência de alusões ao 1º Congresso Regionalista do Nordeste. Segundo esse crítico “(...) estranhamente, em nenhum momento há referências a esse acontecimento, como aliás, também não há qualquer notícia a respeito do *Manifesto regionalista de 1926*, que teria sido lido nesse ano, durante o Congresso regionalista, e publicado em 1952.”

(FIGUEIREDO Jr., p. 59).

Apesar dessas conclusões de pesquisadores imparciais, os idólatras do sociólogo de Apipucos não perdoam o fato de ter Inojosa denunciado “uma invenção intelectual, (...) uma reconstrução da história” como bem definiu Wilson Martins a atitude de Gilberto Freyre. (Apud INOJOSA, 1977, p. 38). Em 1998, em palestra no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte, Edson Nery da Fonseca, ao aludir a Joaquim Inojosa, aviltou a sua memória e, por extensão, a de Luís da Câmara Cascudo, vilipendiando a quase centenária instituição, e todos os seus membros, porquanto o líder do modernismo no Norte e Nordeste a integrou como sócio correspondente. Eu lá estava e, como o velho Timbira do poema de Gonçalves Dias, posso dizer: “Meninos, eu vi!”

Além dos livros citados, Inojosa é autor dentre outros de: *Tentames* (contos) - 1920; *Alguns aspectos do Direito* - 1964; *Discursos e conferências* - 1963; *Diário de um turista apressado* - 1960; *Diário de um estudante (1920-1921)* - 1961; *Crônicas de outros tempos* - 1963; *O Direito e o Foro* - 1965; *O movimento modernista em Pernambuco* - 3 vol. - 1968-1969; *Os Andrades e outros aspectos do modernismo* - 1975; *A tragédia da Rosa dos Alkimins* - 1985.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário de. *O turista aprendiz*. Estabelecimento de texto, introd. e notas de Telé P. Ancona Lopez. 2 ed. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983.
- AZEVÊDO, Neroaldo Pontes de. *Modernismo e regionalismo*. (Os anos 20 em Pernambuco): João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.
- FIGUEIREDO JR., Nestor Pinto de. *Pela mão de Gilberto Freyre ao menino de engenho*. Cartas: apresentação e estudo. João Pessoa: Idéia, 2000.
- INOJOSA, Joaquim. *A arte moderna*. Edição cinquentenária (1924-1974). *O Brasil brasileiro*. Edição cinquentenária (1925-1975). Rio de Janeiro: Meio-Dia, 1977.
- _____. *A arte moderna*. Edição fac-similar. *60 anos de um manifesto modernista*. Rio de Janeiro: Livraria Ed. Cátedra, 1984.
- _____. *Carro alegórico*. Nova resposta a Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Edição do Autor, 1973.
- _____. *Que é futurismo*. (Ao Dr. Faria Neves Sobrinho). *A tarde* - Recife-PE 30 de outubro de 1922. Edição comemorativa dos 60 anos do Modernismo em Pernambuco [1982].
- MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Cultrix, Ed. Universidade de São Paulo, 1978, v. 6 (1915-1933).

Roberto da Silva é Mestre em Letras (Literatura Brasileira) pela UFPB. Autor de *Ruídos na cristaleira: cheiros e vozes do tempo* (1996) e *Jasmins do Sobradinho* (2000). É colaborador - redator do *Dicionário Literário da Paraíba* (1994).

MAJELA COLARES

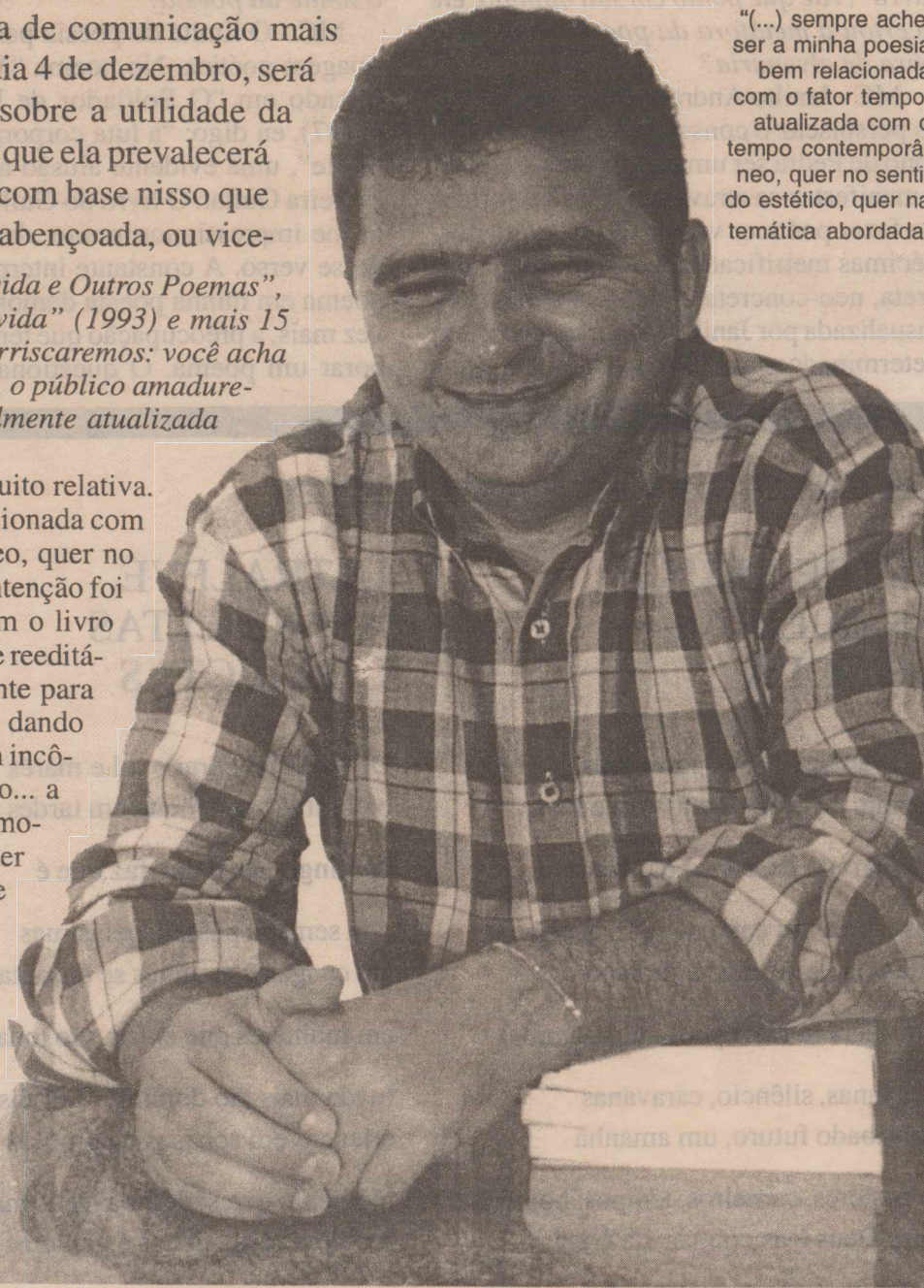
A atual geração de poetas do Recife oferece um rico caleidoscópio cosmopolita: alagoanos como Jaci Bezerra Lima e Ângelo Monteiro, paraibanos como Mário Hélio, Orlando Tejo e Janilto Andrade, cearenses como César Leal, Ronaldo de Brito, Claudio Aguiar e Majela Colares, sem falar nos pernambucanos, como Alberto da Cunha Melo, Marcus Accioly e outros. Qual a razão para que poetas de lugares tão distantes se estabeleçam no Recife e daí passem a retirar a matéria de sua poesia? A explicação está na tradição e o respeito que a velha “Cidade de Nassau”, (de que fala Manuel Bandeira na sua “Evocação do Recife”) inspira aos poetas nordestinos, consagrando-a como uma dos pólos da poesia brasileira. Nesta entrevista a O GALO, o poeta Majela Colares fala um pouco da experiência de trabalhar ao lado de poetas que vivem a experiência do Recife, cidade onde desenvolve inclusive a atividade de editor da prestigiosa revista cultural *Calibán*, de perfil cosmopolita, que busca dialogar com os nossos vizinhos hispano-americanos. Fala também dos cinco livros de poesia que publicou, o último dos quais, “*Confissão de Dívida e Outros Poemas*” lançado no mês de setembro passado em Natal, dando início a uma política de comunicação mais ampla com os poetas norte-rio-grandenses; no dia 4 de dezembro, será a vez de Fortaleza. O poeta também reflete sobre a utilidade da poesia em tempos de tensão e xenofobia e confia que ela prevalecerá sobre os escombros dos medos de momento. É com base nisso que destaca a ambigüidade da poesia: uma maldição abençoada, ou vice-

O GALO - Você acaba de lançar “*Confissão de Dívida e Outros Poemas*”, obra que reúne seu primeiro livro, “*Confissão de Dívida*” (1993) e mais 15 poemas inéditos. Entre outras indagações possíveis, arriscaremos: você acha que passados oito anos desde o lançamento de estréia, o público amadureceu para o seu livro? Em suma, sua poesia está finalmente atualizada com o seu tempo?

MAJELA COLARES - Essa questão de tempo é muito relativa. No entanto, sempre achei ser a minha poesia bem relacionada com o fator tempo; atualizada com o tempo contemporâneo, quer no sentido estético, quer na temática abordada. A minha intenção foi sempre esta. Passados oito anos da minha estréia com o livro *Confissão de Dívida*, (1993), veio-me a oportunidade de reeditá-lo, este ano, pela Editora *Calibán*. Foi muito importante para mim, porque reli os poemas, alguns até reestruturei, dando uma nova forma estética, e acima de tudo, pus fim a um incômodo que me acompanhava durante todo esse período... a má qualidade da primeira edição. Cheguei, em alguns momentos, a pensar em esquecê-lo, ou melhor, a não fazer referência ao livro, coisa comum a muitos escritores. Hoje não, *Confissão de Dívida e Outros Poemas*, é como se fosse um outro livro. Da primeira edição poemas como *Momento Zero*, *Poema do Instante Único*, *Poema da Loucura Breve*, passaram a ser vistos por mim com outros olhos. E, afinal, o livro passou a ser divulgado e levado ao público a partir dessa segunda edição.

O GALO - Há uma permanente insatisfação com a transitoriedade humana na linha do tempo em sua poesia. Há abundantes referências a instantes, horas, mudanças de estação (*Pintei de primavera*

“(...) sempre achei ser a minha poesia bem relacionada com o fator tempo; atualizada com o tempo contemporâneo, quer no sentido estético, quer na temática abordada”



aquele outono). A poesia é como quer Kaváfis, o antídoto que resta ao homem para “embotar” a dor que vem da nossa condição efêmera?

MC - O tempo é para mim motivo de muita angústia. Imagino o tempo como um monstro silencioso que nos devora a cada instante. Em nossos dias atuais, na era da internet, esta sensação de brevidade da vida se tornou ainda mais perceptível. A poesia é a minha salvação. Uma forma de justificar o tempo e até controlá-lo; dando evasão a essa angústia que me atormenta. Como quer Kaváfis, o antídoto para embotar a dor da certeza da nossa condição efêmera. Vejo o mundo todo muito angustiado... quem sabe, seja a poesia, a arte de um modo em geral, a salvação do mundo. A forma mais adequada para uma reumanização do Homem.

O GALO – Ao comentar seu livro “Outono de Pedra”, (1994), Janilto Andrade qualifica você como um “alvanel da palavra”. Até que ponto em sua opinião, ele acertou a metáfora da poesia como uma obra de alvenaria?

MC - Janilto Andrade é um crítico muito perspicaz e consciente. O fato de Outono de Pedra ser um poema único, cíclico e manifestar-se através de diversas formas do fazer poético: versos livres, quartetos, décimas metrificadas, poesia visual, concreta, neo-concreta... justifica a metáfora visualizada por Janilto. Além do mais, tem determinados símbolos que também justi-

ficam esta afirmativa, a exemplo de tijolo, pedra, colher de pedreiro, argamassa, etc. A forma visual da conclusão do poema, acredito, ter sido fator determinante para que Janilto Andrade tenha me qualificado de alvanel da palavra. Outono de Pedra, é sim, uma obra de alvenaria poética.

O GALO – O poeta César Leal afirma que você pertence a uma geração de novos poetas centrados no Recife que apreendeu com os velhos mestres. O que você acha que deve a esses velhos mestres, em termos de aprendizado poético?

MC - Tudo. Poesia se aprende e se aperfeiçoa é com a leitura e a reflexão dos grandes mestres. Não só seguindo o que eles fizeram ou fazem, mas pensando e tentando reescrever a poesia de uma forma diferente, mas tendo sempre como referencial os velhos mestres como afirmou o poeta e crítico César Leal.

O GALO – Há uma constante interpeção do poema em sua poesia. Será esse o limite da poesia?

MC - O limite da poesia para mim é a imagem poética. No poema “Vago”, publicado em “O Soldador de Palavras”, (1997), eu digo: “a luta corporal é o meu limite”, uma evidente alusão ao livro do Ferreira Gullar. O livro do Gullar, quando li, me impressionou muito, daí a origem desse verso. A constante interpelação do poema em minha poesia demonstra, cada vez mais, a preocupação que tenho ao elaborar um poema. O questionamento do

próprio fazer poético. Mas isso não chega a ser, para mim, o limite da poesia.

O GALO – A nostalgia do poema que não foi feito é uma imagem forte na sua poesia. O que significa essa imagem: um desafio, um bloqueio, uma exaustão poética?

MC - Significa a constante busca da verdadeira e consistente poesia. A busca da beleza poética... exaustiva, sem dúvida.

O GALO – Você pertence a uma geração de poetas centrados no Recife, originários de diversos Estados vizinhos: Jaci Bezerra é alagoano, Cláudio Aguiar, como você, é cearense, Mário Hélio é paraibano... isso significa que Recife continua a ser a alternativa culturalmente viável do Nordeste?

MC - Recife não é só uma alternativa culturalmente viável no Nordeste, mas uma alternativa culturalmente viável no Brasil. Depende muito do ponto de vista de cada um... como essa alternativa é enxergada. Eu faço essa afirmativa olhando pelo prisma da tradição cultural do Recife. Pelo cheiro e sabor de poesia que sempre envolveu e envolve o Recife; é uma cidade essencialmente poética. No Nordeste é um referencial, apesar da falta de apoio dos meios de comunicação à verdadeira e autêntica cultura recifense, pernambucana. Mas isso é um problema que assola violentamente a cultura brasileira como um todo. Uma gritante inversão de valores.

Poemas inéditos de Majela Colares:

ENTRE DEUS E AS COLINAS DE GOLÃ

Caravanas, *sabath*, caravanas
traziam na memória a terra e Deus

e o sagrado descanso das areias

nos lábios um canto – eternas origens:
palavras de Abraão e de Jacó

(em silêncio Davi pensando Salmos)

caravanas, silêncio, caravanas
um sábado futuro, um amanhã

de pastores, carneiros, tempos, homens...
entre Deus e as colinas de Golã

ULTRALEVE, ASAS-DELTAS E GAIVOTAS

De sargaço, corais, sol e marés
o domingo se enfeita em tardes nuas

domingo não é dia, faz que é

- na semana passeia pelas ruas
em cangas e biquines se encanta

em mulheres que enfim são todas suas

(nada mais tão domingo é ar discreto)
crianças em sorrisos de pipocas

momento que sentimos Deus mais perto
ultraleve, asas-deltas e gaivotas

VOU PINTAR MEU NARIZ DE COR LILÁS

Pintaria de azul a cor do vento
(de vento pintaria a lua cheia)

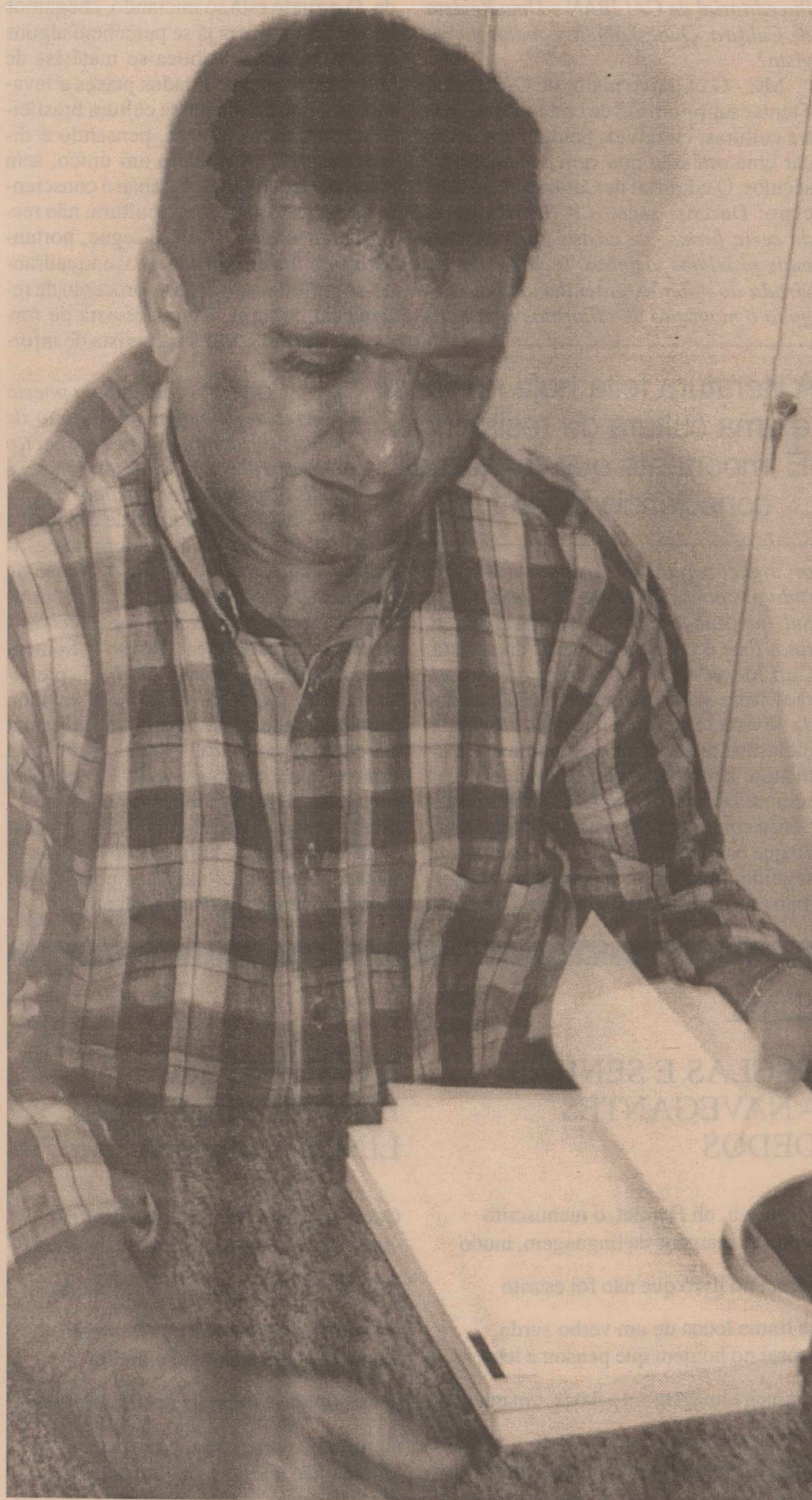
se pudesse pintar esse momento

pintaria de céu e luz que ondeia,
colorido eu faria o tempo, sempre

chocolate, vermelho, creme-areia...

na mistura de tempos – fim errante –
a cor do pensamento se desfaz,

- com um resto de tinta e meio instante
vou pintar meu nariz de cor lilás



"O momento poético no Nordeste hoje é muito rico, aliás, sempre foi rico. Faz-se necessário uma maior integração entre os poetas, os escritores, enfim, entre os que fazem literatura. Integração não só no âmbito da Região Nordeste, mas em relação a todo o Brasil".

Além de Jaci Bezerra, Cláudio Aguiar, Mario Hélio, acrescento Ângelo Monteiro, que é alagoano, Janilto Andrade e Orlando Tejo, paraibanos, Ronaldo Brito e César Leal, que são cearenses. São poetas, escritores e críticos do mais alto nível, radicados no Recife, que tornam grande a literatura feita atualmente em Pernambuco. Isso é um fenômeno histórico cultural. Não poderia esquecer Ariano Suassuna que é paraibano. São todos grandes nomes.

O GALO – O poeta carioca Bruno Tolentino costuma dizer que a melhor poesia brasileira provem do Nordeste. Como você recebe essa opinião?

MC - Sanderson Negreiros também fez essa afirmação em uma entrevista concedida há algum tempo, se não me engano em O GALO. É importante que poetas do porte de Bruno Tolentino e Sanderson Negreiros, façam afirmações desse tipo. Lembremos que Manuel Bandeira, Jorge de Lima, Joaquim Cardozo e João Cabral de Melo Neto, são nordestinos.

O GALO – Qual a sua expectativa com relação à sua própria poesia?

MC - A melhor possível. Pretendo continuar escrevendo seguindo sempre dois princípios que penso fundamentais para a construção de uma obra, de qualquer escritor: consciência e seriedade. Tenho uma grande expectativa em relação ao próximo livro "Quadrante Lunar", que publicarei em 2002.

O GALO – A poesia é uma benção ou uma maldição?

MC - A poesia é uma maldição abençoada.

O GALO – Como você vê o momento poético no Nordeste, hoje? Que poemas chamam a sua atenção?

MC - O momento poético no Nordeste hoje é muito rico, aliás, sempre foi rico. Faz-se necessário uma maior integração entre os poetas, os escritores, enfim, entre os que fazem literatura. Integração não só no âmbito da Região Nordeste, mas em relação a todo o Brasil. É inegável que atualmente esse intercâmbio tem se fortalecido muito, através de revistas, periódicos e, também, pela internet. Jornais de Poesia, etc. Citar poemas que me chamam a atenção hoje no Nordeste é muito difícil, até porque são muitos os poemas de excelente nível. Citar poetas, também, é complicado, porque é grande o número de bons poetas. No entanto, farei referência a três, tomando como base o fato de já possuírem uma obra respeitável, não só em quantidade, mas essencialmente na qualidade: Francisco Carvalho, no Ceará; José Chagas, no

Maranhão e César Leal em Pernambuco.

O GALO – A literatura norte-riograndense perdeu em maio passado o poeta Luis Carlos Guimarães. Que impressão lhe causa a sua poesia?

MC - Luis Carlos Guimarães era um grande poeta brasileiro... pena ser pouco conhecido, pouco divulgado. A sua poesia era moderna e refinada; um dos melhores da sua geração.

O GALO – Os escritores e poetas nordestinos continuam pouco conhecidos uns dos outros, além das divisas estaduais. Porque essa situação persiste num tempo em que as comunicações romperam com as barreiras nacionais?

MC - As comunicações romperam com as barreiras nacionais, mas direcionando, através dos meios de comunicação, uma ideologia inteiramente voltada para a indústria do lucro. Na visão desses comerciantes, industriais, que dominam e comandam os grandes veículos de comunicação, a cultura fica relegada a um plano inferior, marginalizada, fora dos seus interesses. A literatura feita hoje no Brasil é uma cultura de resistência. É importante que tenhamos consciência disso e continuemos esse processo de resistência, porque no final esta será a cultura que sobreviverá. Este é um dos motivos, o principal, que leva a essas circunstâncias: o pouco conhecimento e relacionamento entre os escritores. Nesse momento precisa, mais do que nunca, criarmos meios alternativos para amenizar essa condição.

O GALO – Você é membro do conse-

lho editorial de CALIBÁN – Uma Revista de Cultura. Qual o objetivo maior da revista?

MC - O objetivo maior de CALIBÁN é tentar suprir um elo de comunicação entre culturas, ou talvez, pelo menos, indicar uma omissão que vem ocorrendo há séculos. O editorial de Calibán nº 1 é bem claro: *Durante séculos o Brasil esteve, de certa forma, de costas para os seus mais próximos vizinhos. (...) agora, na virada do milênio, entendemos ser chegado o momento de olharmos com mai-*

“A literatura feita hoje no Brasil é uma cultura de resistência. É importante que tenhamos consciência disso (...)”

or atenção para a América como um todo. Os povos do Norte, do Centro e do Sul, queiramos ou não, têm o mesmo destino. Este é o objetivo maior da revista. Curt Meyer-Clason, tradutor de Guimarães Rosa para o alemão e colaborador da revista, ao receber o nº 1 elogiou a inclusão dos vizinhos do continente, afirmando: lembro-me que Guimarães Rosa sempre lamentou: “meus contemporâneos não conhecem dos países vizinhos mais do que o nome da Capital”. A revista tem seguido, com rigor, o seu objetivo, primando, fundamentalmente pela qualida-

de. O projeto está só iniciando, chegamos ao 4º número, mas já se percebem alguns bons resultados. Publica-se matérias de culturas dos mais variados países e levamos impressões da nossa cultura brasileira a todas essas nações, pensando e divulgando o Brasil como um único, sem distinção de Regiões. Calibán é consciente do destrato para com a cultura, não restrito somente ao Brasil, e segue, portanto, esta linha de pensamento, enquadrando-se perfeitamente nesse processo de resistência cultural. É uma revista de formação e não uma revista de informação.

O GALO – Que pode a poesia dizer aos homens num início de milênio dominado pelo espectro do terrorismo, do bioterrorismo e da suspeição do próximo?

MC - A condição de desespero a que chegou o homem nesse final de século, é fruto de um processo de desumanização aberrante ao longo, principalmente, do século XX. A evolução científica e tecnológica afastou o homem da sua natureza humana. A ciência prevaleceu sobre a arte. A máquina escravizou a humanidade. Esse terrorismo espanta, no entanto, acredito, levará o homem a uma reflexão mais profunda. É chegado o momento de parar e reavaliar conceitos... pensar um novo paradigma. Nesse processo de introspecção humana, de reflexão, a poesia poderá dizer muito. A poesia, sem dúvida alguma, será fundamental.

Poemas inéditos de Majela Colares:

QUE VEM FEITO SOMBRA OU LUZ NA CORTINA

O desespero das sombras conspira
a fantasia inocente do instante,
a juventude da tarde... e respira
a noite mais noite - um tempo distante -
tempo possível, sem forma e sem rosto,
extremo limite, um caos redundante:
o corte e a dor, o momento, o medo
que fere e dissipa a cor da retina...
foge o silêncio – a fuga é segredo –
que vem feito sombra ou luz na cortina

TECLAS E SENHAS – NAVEGANTES DEDOS

Quando li, oh Hamlet, o manuscrito
sentei às margens da linguagem, mudo
pensei no livro que não foi escrito
na trama louca de um verbo surdo,
pensei no homem que pensou a letra
- primeira imagem – a palavra, um mundo...
o manuscrito preso à mão, reli
cada palavra continha um segredo,
e vi na escrita, na escrita eu vi
teclas e senhas – navegantes dedos

E O SILÊNCIO INCOMUM DE UMA LÍNGUA MORTA

Quero a página livre e a mão discreta
- uma manhã rabiscada, um céu de agosto -
meia dúzia de verbos – mente inquieta
e um sorriso ancorado no meu rosto,
é tudo que preciso e não é muito
quero, ainda, a infância de um sol posto
no instante que a idéia, o poema...
(poema não é feito como torta)
só precisa a beleza nua, extrema
e o silêncio incomum de uma língua morta

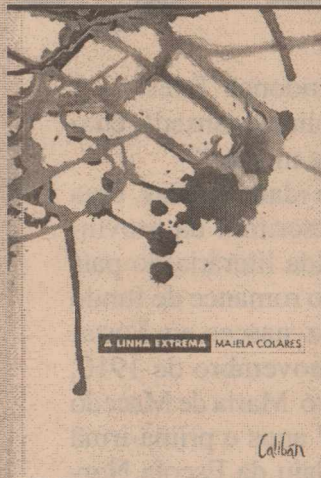
A poesia de passagem de Majela Colares

Nelson Patriota

Não faltam motivos à poesia de Majela Colares, cuja obra em progresso perfaz, até o presente, cinco títulos: *Confissão de dívida* (1993), *Outono de Pedra* (1994), *O Soldador de Palavras* (1997), *A Linha Extrema* (1999) e *Confissão de Dívida de Outros poemas* (2001). Mas não é difícil perceber que seus motivos são de preferência concretos. A predominância de substantivos – palavras essenciais, fundadoras – transparece em títulos como *Outono de Pedra* e *O Soldador de Palavras*, onde fica patente uma idéia de corporificação de uma estação ou da metalurgia do poema. Por isso, é preciso não se deixar levar pela primeira impressão sugerida pelo livro inaugural de sua obra, *Confissão de Dívida*. Em primeiro lugar, não se trata de um livro confessional, pelo menos no sentido que comumente damos a essa palavra; o poeta não se sente no dever que confessar o quer que seja, tirante o próprio poema. A relação que se estabelece, assim, é do poeta com a poesia, processo que a pouco e pouco vai compondo seu universo de concretudes.

Nesse comércio com a palavra (para evocar uma palavra cara ao mestre Américo de Oliveira Costa), os resultados nem sempre afloram de modo convincente aos olhos do poeta. Daí sua poesia defrontar com uma espécie de antipoema: o poema que não foi escrito (nem o será). Trata-se de uma preocupação que é contemporânea do seu despertar para a poesia. Nada há de extraordinário que o primeiro poema do livro *Confissão de Dívida e Outros poemas* (reedição do primeiro livro, ampliada) trata justamente desse conflito que aflige o poeta, antecipando-lhe limites que sua poética preferia desconhecer mas não o consegue. É o leitmotiv de “Poema anônimo”: “o poema que não fiz/ (mas sempre canto)/ está mais em mim que muitos.../ (pouco que escrevi)/ é o mais inconstante/ indefinido/ dos poemas que vivi// o poema que não fiz/ traduz meu mundo/ está implícito... único/ em meu verso/ já não sei quem sou/ quem ele é/ - fundiram-se todos os limites (...)”.

Nesse drummondiano embate verbal, mas que adquire foro de um combate não distante do desgaste a que se sujeita o corpo nos afazeres diários, o poema anônimo é sucedâneo do poema ideal, seu viático – aquele que traduziria (ou resumiria) toda a poesia de que se alimenta o seu criador. Objetivo



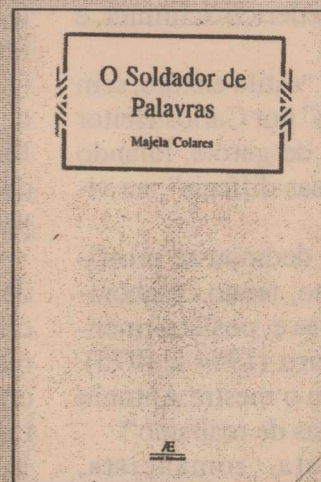
O soneto de padrão clássico e o verso livro convivem em perfeita harmonia na poesia de Majela Colares, respectivamente em *A Linha extrema* e *Confissão de dívida*



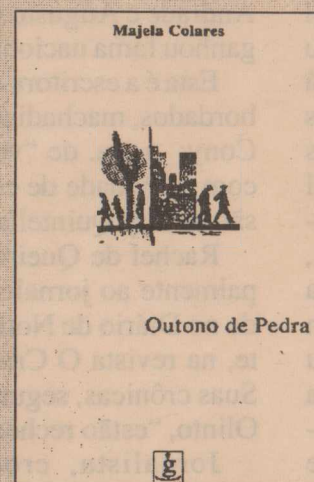
morrendo nos limites de um quarteto”.

Essa preocupação com dar materialidade ou autonomia material à poesia, remonta a influências diversas. Trata-se de um projeto não exclusivo de Colares, mas de toda uma legião de poetas que trabalha a matéria contemporânea da poesia, cujos limites coincidem, para citar um exemplo, com a idéia de poema em Francis Ponge (Ver *O partido das coisas* – Iluminuras, 2000). Não é ocioso insistir: são as coisas a matéria da poesia. e coisas, aqui, são os componentes do mundo material. O poema “Os prazeres da porta” (“Les plaisirs de la porte”), de Ponge, ilustra bem essa guinada para o concreto, que busca capturar a emoção que está na origem de toda poesia.

Em Majela Colares é fácil ver que a lição foi bem aprendida. Suas tardes “batem em retirada” (“Vício”, in *O Soldador de Palavras*), seu mar solitário, “vem sentar-se à praia/ e afaga as (m)águas” dos rios do Recife; sua flor de mandacaru “estampa um sorriso largo” (in *Outono de Pedra*); suas horas fogem “amarelas/ nas retinas de um tempo de papel” (in *A Linha Extrema*), suas chuvas “têm feitiços de luares/ que caminhos inundam (...)” (idem). Enfim, ela exibe um animismo vívido que traduz um modo de apreender a poesia à Ponge, mas é bem possível que a influência mais íntima seja a de João Cabral de Melo Neto por razões óbvias. Não importa. A poesia de Colares já está entre nós, poesia (e rito) de passagem, (não passageira), que faz uso da linguagem do nosso tempo para depurá-la das impurezas que obstruem os seus vasos comunicantes. É hora de ouvi-la.



Ao mesmo tempo em que presta homenagem aos velhos mestres, Majela Colares cria, nas palavras do crítico e poeta César Leal, “suas próprias falas, sua própria língua poética”.



inalcançável como as empresas míticas, resta ao poeta contentar-se com fazer sempre outro poema, enquanto aguarda que por um passe de mágica (da poesia) o poema com que sonha (como Borges, Bandeira e Coleridge o fizeram) enfim se entregue.

A poesia de Colares assume um tal grau de concretude que a ela se aplica, o mesmo grau de comparação com que se fala de um corpo que jaz numa sepultura. É o motivo de “Aqui jaz um Soneto” (*O Soldador de Palavras*): “Uma idéia conspirada – um soneto - / que, ao certo, sangraria minha vida/ desprende-se da memória suicida/

Nelson Patriota é jornalista, sociólogo, tradutor, e editor de O Galo. É um dos co-autores do livro *400 nomes de Natal* e organizador do livro *Poemas reunidos de Luís Patriota*.

Meu encontro com RACHEL DE QUEIROZ

Getúlio Araújo

São cinco horas da tarde; no Aeroporto Santa Genoveva de Goiânia, um Boeing 737 da Rio-Sul nos levará ao Rio de Janeiro, escala em Belo Horizonte, com direito a pane e troca da aeronave. Eu e o poeta José Mendonça Teles fomos participar do II Colóquio Nacional de Institutos Históricos Brasileiros na Cidade Maravilhosa.

Foram sete dias de muito deleite, contatos culturais, com visitas ao Centro Norte-Riograndense e Revista Nacional, dirigida pelo jornalista Maurítônio Meira, autor de *Histórias Alegres do Povo Brasileiro*. No apartamento 460 do Hotel Novo Mundo, o telefone toca naquela tarde-noite de 17 de outubro. Era o meu confrade José Mendonça Teles me convidando para jantarmos na residência do professor Melquíades Pinto Paiva e Maria Arair, sua esposa, rua Baronesa de Poconé, 71/701-Lagoa. Fomos recebidos pelo casal cearense, com jantar rico em iguarias do mar e acompanhado do melhor vinho do Porto.

O anfitrião Melquíades nos levou ao Leblon, eu ansioso, iria conhecer pessoalmente e entrevistar Rachel de Queiroz, no edifício que leva o seu nome. Emocionado, observo suspensos à parede, santos, quadros e pratos de várias nacionalidades. São lembranças dos seus ancestrais nordestinos. De alguns, Rachel de Queiroz sabe a origem. À direita, quadros de Di Cavalcanti, Cícero Dias, Manabu Mabe e Grauben Lima (primitivista). Em cima da cristaleira, um Divino Espírito Santo, lembrança do seu segundo marido, o médico goiano Oyama Macedo. Ao entrevistá-la, tive a felicidade de vê-la lúcida, bem-humorada e descontraída, naquela noite de encantamento dos espíritos. A escritora Rachel é cética com as coisas da vida. Indagada, res-

pondeu para José Mendonça Teles: — “Eu sou uma velha senhora, cansada, chateada, com vontade de morrer!”

Com vinte anos de idade apenas, uma quase desconhecida escritora da província projetava-se na vida literária do país agitando a bandeira do romance de fundo social. Rachel de Queiroz nasceu em Fortaleza, Ceará, a 17 de novembro de 1910, na residência da sua avó Maria de Macedo Lima, falecida aos 87 anos e prima-irmã de José de Alencar. Saiu da Escola Normal para a fama literária; ainda muito jovem, estusiasmou poetas como Mário de



Rachel de Queiroz é vista aqui ladeada pelos escritores Getúlio Araújo (E), norte-rio-grandense, e José Mendonça Teles, historiador goiano, numa visita recente à escritora cearense

Andrade e Augusto Frederico Schmidt, e ganhou fama nacional.

Esta é a escritora de “estilo enxuto, sem bordados, machadiano” por Carlos Heitor Cony; a sra. de “voz de garota, falando com suavidade de coisas difíceis”, na visão de Ary Quintella.

Rachel de Queiroz dedicou-se principalmente ao jornalismo, tendo colaborado no Diário de Notícias e, posteriormente, na revista O Cruzeiro (1944 a 1975). Suas crônicas, segundo o mestre Antonio Olinto, “estão recheadas de realismo”.

Jornalista, cronista, romancista, teatróloga, tradutora, escreveu as seguintes obras:

- *O Quinze*, romance (1930).

- *João Miguel*, romance (1932).
- *Caminho de Pedras* (1937).
- *As três Marias*, romance (1939).
- *A donzela e a moura torta*, coletânea de crônicas (1948).
- *O galo de ouro*, folhetim em O Cruzeiro (1950).
- *Lampião*, teatro (1953).
- *A beata Maria do Egito* (1958).
- *Dôra, Doralina*, romance (1975).
- *Memorial de Maria Moura*, romance (1992).

Amizade com Padre Cícero - Sobre o mito do padre Cícero Romão Batista, assim falou Rachel de Queiroz: “Eu conheci o padre Cícero em 1930. Ele era amigo do meu pai e dos meus tios. Eu o chamava de “meu padrinho” (risos) e tomava a benção dele. Quando fui visitá-lo no Ceará, não fiquei na casa dele porque ele achava que era desconfortável para mim; em compensação não deixou pagar o hotel. Minha ligação com o padre não era pelo aspecto religioso, mas sim pela simpatia da figura dele, do mito. Ele era muito culto, tinha estudado em Roma”.

Vitória da mulher brasileira - Foi a primeira mulher a vestir o fardão da Casa de Machado de Assis (ABL), tendo sido eleita em 4 de agosto de 1977, vencendo o Jurista Pontes de Miranda. Ocupa a cadeira número 5, fundada por Raimundo Correia, sendo seu patrono Bernardo Guimarães.

Escritora premiada - O seu romance de estréia *O Quinze*, nasceu segundo a escritora, à luz de lampião, escrito a lápis, num carderno. Foi muito elogiado pela crítica, que deu-lhe o cobiçado Prêmio de Literatura da Fundação Graça Aranha, em 1931. De Portugal recebeu o Prêmio Camões, e no Brasil, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, 1957 (conjunto de obra) e Juca Pato



Oswaldo Lamartine

Escritor se confessa “um encabulado”
ao tomar posse na Academia de Letras

A cadeira n. 12 da Academia Norte-rio-grandense de Letras já não está mais vazia. No dia 14 passado, o escritor Oswaldo Lamartine rendeu-se ao canto da imortalidade acadêmica. Neste encarte, o discurso de posse do novo acadêmico e a saudação que lhe fez o jornalista e acadêmico Vicente Serejo.

Discurso de posse de Oswaldo Lamartine

na cadeira n. 12, da Academia Norte-rio-grandense
de Letras, no dia 14 de novembro de 2001.

Senhor Presidente
Minas Senhoras e Meus Senhores

Entendam. Todo esse meu remancho de chegar
para esta Casa, nada tem de menoscabo.

Espichados foram os caminhos. Mas aqui estou.
Não vim arrastado como um voluntário-de-corda da
Guerra do Paraguai.

Simplemente sou um encabulado que se pertur-
ba em ajuntamento de gente, clarear de luzes, adereços,
pompa e louvações.

Não é cavilação nem astúcia, acreditem. E isso

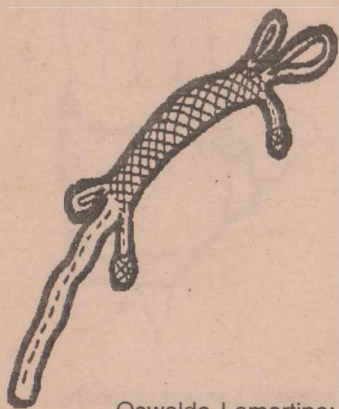
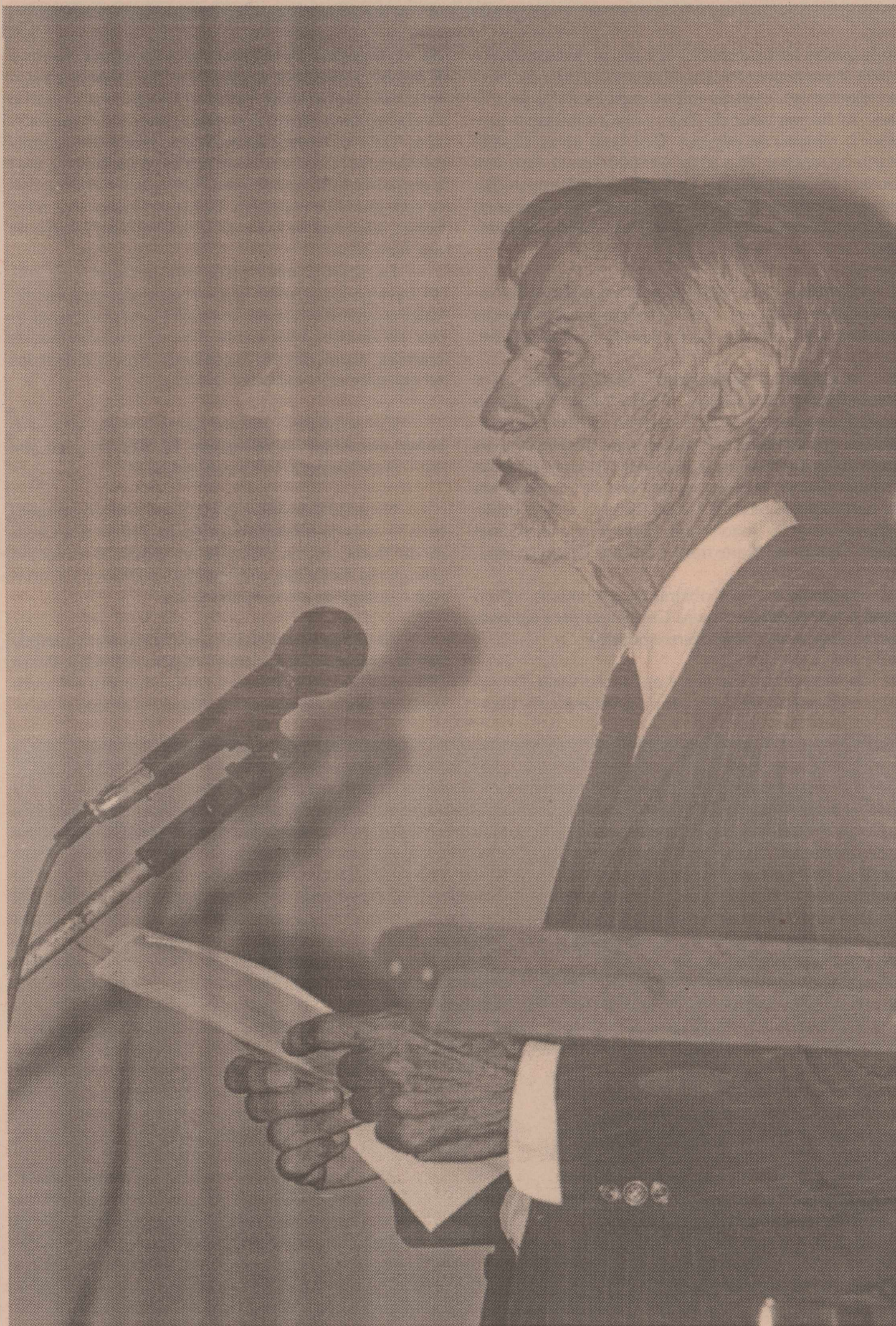
não é de hoje. Em 1940, quando terminei meus estudos
na Escola Superior de Agricultura de Lavras, em Mi-
nas, não teve quem me fizesse figurar no quadro de for-
matura. Disse **não** ao diretor, à comissão de festiva-
des e aos colegas. Creio que sou o único ausente naque-
les quadros de toda a história da Escola. Quadros de
retratos retocados com dísticos pomposos. Tinha um
que dizia: *O solo é a Pátria – cultivá-lo é um
engrandecê-la...* Entendam e, se possível, relevem.

Mas, vamos ao ritual da Casa, que manda falar do
tio-avô (assim o chamava).

O que acrescentar ao que se disse dele e ao muito



Oswaldo Lamartine chega à
Academia Norte-rio-
grandense de Letras
acompanhado pelos
acadêmicos Vingt-un
Rosado e Pery Lamartine,
para tomar posse na cadeira
que foi ocupada por Amaro
Cavalcanti, Juvenal
Lamartine, seu pai, e por
Veríssimo de Melo



Oswaldo Lamartine:
"Espichados foram os
caminhos. Mas aqui estou.
Não vim arrastado como um
voluntário-de-corda da
Guerra do Paraguai.
Simplesmente sou um
encabulado que se perturba
em ajuntamento de gente,
clarear de luzes, adereços,
pompa e louvações"

ainda que se tem a dizer? O que sei, vi, testemunhei e dou fé, é que nunca se valeu de uma secretária. Ele mesmo batiscreveu, catando-milho, cada letra dos seus livros. Aí fui me valer de Zila - outra saudade - para saber o número de páginas. Deu bem umas 12.000. Multipliquem por 70 e terão 840.000 toques. Isso sem contar a correspondência, traduções, edições anotadas, revistas e jornais. E em todos esses chãos - nuvens ou lajedos - ele deixou o rastro. Foi a cumeeira de todos nós.

É patrono dessa cadeira onde, atrevidamente, estou me abancando, um sertanejo pobre que, em meados do século XIX, nas ribeiras do Seridó, declinava latim.

A pobreza o tangeu para o Siará Grande. Lá, o Presidente da Província, Pedro Leão Veloso, o comissionou para estudos na América do Norte. Ali graduou-se em direito e dali voltou para ocupar os mais altos cargos da diplomacia, economia, direito, finanças e administração. Faleceu no governo de Eptácio, em 22. Acudia pelo nome de Amaro Cavalcanti e era irmão do nosso santo Pe. João Maria. Na orografia intelectual do Rio Grande do Norte tinha a altitude de um Cabugi.

Muito depois, das ribeiras do Espinharas, veio o homem que escolheu Amaro Cavalcanti para patrono. Foi ele magistrado, fazendeiro e político.

A vida muito lhe deu e muito lhe tirou. Deputado, vice-presidente, senador e presidente do Esta-

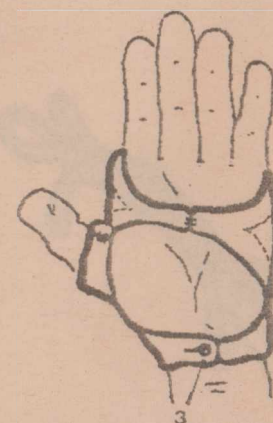
do - era assim que se chamava - governou 2 anos e 8 meses. Deposto e exilado em 30. A política cobrou dele o dízimo da vida do filho que mais queria. O glaucoma o cegou dos olhos, mas não o imobilizou. Valia-se apenas da memória para ditar estropiados textos. Confessava-se um cego canhestro, mas a despeito disso, madrugava banhado e de barba feita sem ajuda de ninguém. Continuou suas idas à fazenda, algumas vezes até "arrumado" na nacele de um teco-teco.

Lá, sol fora, um copo de leite no curral, café gordo, cavalgava sua velha burra-de-sela seguindo um cavaleiro-guia. Revia cada frente de trabalho até o sol-apino do almoço. Após a sesta, retomava os caminhos. À noitinha, depois da ceia de coalhada, o prosear de redes no alpendre até o cabecear de sono.

Era assim ele - Juvenal Lamartine de Faria - sucessor dessa cadeira de número 12. *Era um cego que via* - disse Lacerda. Era o meu pai.

Naquele 9 de julho de 1921 - quando se completava 31 anos do primeiro casamento civil no Rio Grande do Norte, ali, na casa 628 da Vigário Bartolomeu (antiga rua da Palha), o ar cheirava a alfazema. Cortaram o imbigo de um menino macho.

Anos depois, trajando as primeiras calças compridas da farda escolar, nos encontramos no Colégio Pedro II do prof. Severino Bezerra. Dali se foi para o Ateneu onde terminou preparatórios. Naqueles ontens os estu-



Oswaldo Lamartine recebe das mãos do poeta Diógenes da Cunha Lima, presidente da Academia Norte-riograndense de Letras, o diploma de acadêmico, referente à cadeira n. 12, cujo patrono é Amaro Cavalcanti, e que já foi ocupada por Juvenal Lamartine e Veríssimo de Melo

dantes que tinham inclinação para as letras costumavam se enodoar nas tintas das tipografias dos jornais. Foi um deles. Já encabelado, fez-se acadêmico de direito, primeiro na PUC/Rio de Janeiro, depois no Recife onde, em 1948, botou anelão de rubi no dedo.

Aqui em Natal do Rio Grande, por uma dezena de anos foi Juiz Municipal. Casou-se com Da. Noemi Noronha, que lhe deu Fernando, Sílvio e Monique. Lecionou etnografia na Faculdade de Filosofia e na Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Dirigiu o Museu Câmara Cascudo. Presidiu o Conselho Estadual de Cultura e foi 1º secretário desta Academia. Participou, atuante, de seminários, congressos e eventos folclóricos por todo esse Brasil de meu Deus. E, conferidas uma-a-uma, integrou meia centena de instituições culturais.

Contagiado cedo com o mestre Cascudo no espigar as coisas do povo, em 1948 publicou *Adivinhas*. Depois *Acalantos*, *Superstições*, *Parlendas e Adagiário*. Luz de Mãe Luíza no folclore infantil, devolvendo para todos nós – como no verso de Bandeira – as mais puras alegrias da nossa infância. Daí foi um nunca mais parar, tendo como referência maior o *Folclore Infantil* em 1981, reeditado em 1985 pela Itatiaia. Este livro é hoje volume indispensável nas estantes de didáticas escolares.

Buliçoso, aqui-acolá passarinhava os caminhos do folclore e entesourava para chãos da história, filosofia,

poesia e prosa. Daí, contados nos dedos por ele mesmo, arrolou 116 títulos publicados.

Era ele discreto no trajar, no viver e no escrever. Dono de original talhe de letra, não deixava carta sem resposta. Algumas em papéis encimados com vinhetas das capas dos seus livros. E teve delas de artistas consagrados, como Lula Cardoso Ayres.

Boêmio de muito prorear em torno de louras cervejas. Violonista e compositor nos quando da passagem do cometa.

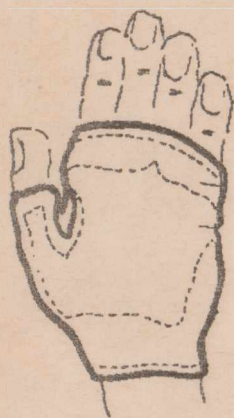
Batia nos peitos pela glória maior de ter sido o único de todos nós a ser citado no rótulo de uma garrafa de cachaça.

1º Vigilante da loja Bartolomeu Fagundes, grau 18. Cavaleiro da Rosa Cruz.

Tinha como traço dominante, o argamassar amizades. Alegre e sensível, gostando de rir e de fazer rir. Figura física lazarina e morena, como um Quixote do nosso conviver.

Em 18 de agosto de 1996 rendeu-se ao aos encantos da Moça Caetana.

Veríssimo Pinheiro de Melo – era o seu nome de batistério. Mas para os amigos e o povo que o conhecia e estimava, tinha nome de passarinho: **Vivi**.



Oswaldo Lamartine lê o compromisso de acadêmico, que é entregue a todo novo acadêmico para ser lido em público por ocasião da sua posse. À esquerda, o escritor Pery Lamartine, e à direita, os historiadores Vingt-un Rosado e Oswaldo de Medeiros Filho.



“Último Príncipe do Reinado do Grande Sertão de Nunca-Mais”

Discurso do acadêmico Vicente Serejo lido na sessão solene do dia 14 de novembro de 2001, no salão nobre da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras, saudando a posse do escritor Oswaldo Lamartine de Faria na Cadeira 12 que tem como Patrono Amaro Cavalcanti e os dois primeiros ocupantes Juvenal Lamartine e Veríssimo de Melo.

Senhor Presidente
Senhores Acadêmicos,
Minhas Senhoras,
Meus Senhores

Contam que um dia, ao receber um troféu de ouro em nome da Sagração da Primavera, o bailarino Nijinski – Vaslav Fomitch Nijinski – ao flutuar sobre seus próprios passos para agradecer a homenagem, estava tão emocionado que tropeçou no palco, e caiu.

O poeta Gerardo Mello Mourão, por sua vez, ao receber A Sereia de Ouro, e quando soube que falaria em nome dos outros, e principalmente diante do Ceará Grande, como chama a sua terra, desabafou: “Esta honra é um perigoso privilégio.

Ora, se os cheios de glória, como Nijinski, aquele que dançava para Deus; e o poeta Gerardo Mello Mourão, aquele outro que confessou ter vivido a hora gloriosa de poder dizer em voz alta os versos das gitiranas em flor dos cantadores nordestinos na janela da casa abandonada onde viveu Rilke; ora, se eles se sentiram assim, tão humanamente frágeis diante da grande emoção, o que faço eu, com o meu medo de tropeçar na tribuna da Casa de Henrique Castriciano e Câmara Cascudo, se essa honra de saudar Oswaldo Lamartine é também para mim um perigoso privilégio?

A minha tarefa, que neste instante me deixa pleno de orgulho e cheio de medo, é retratar com uns poucos traços, e ao longo apenas de alguns minutos, o maior estilista da etnografia brasileira. Porque escreveu Cioran, o romeno Emil Cioran, autor de duas célebres antologi-



as, uma de retratos e outra de admirações, que retratar é “a arte tão árdua de fixar um personagem, de lhe desvendar os mistérios sedutores...”. E o próprio Cioran, retratado dias depois de sua morte, em junho de 95, pelo filósofo espanhol Fernando Savater, talvez seu amigo mais íntimo, resumiu numa frase aquele que ele considerava “um refinado da amargura”, escrevendo: “Cioran é um escritor literalmente insubstituível: quem se afeiçoa ao seu tom não consegue substituí-lo por nenhum paliativo”.

Quem é Oswaldo Lamartine de Faria, esse escritor insubstituível?

Olhem bem para ele.
Não é um homem comum.
Nele ainda vive o sentimento nobre das velhas baronias.

A grandeza trágica da resistência.
A solidão monástica da vida.
Porque ele é o último Príncipe do Reinado do Grande Sertão de Nunca-Mais.

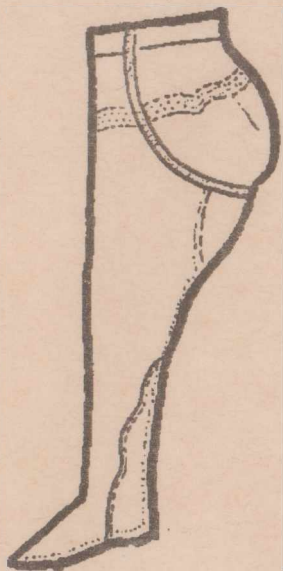
A TERRA

No princípio, como numa gênese bíblica, era o sertão mais sertão. Vastos campos cercados por uma solidão de pedra.

Lugar onde foram viver os homens e os seus bichos. Vindos do litoral, por onde chegaram, e fugindo do chão úmido dos agrestes ainda tocados pela brisa



Oswaldo Lamartine é o compromisso de acadêmico, que é entrego a todo novo acadêmico para ser lido em público por ocasião da sua posse. A estrutura é a seguinte: Palco Lamartine e a Cadeira de História. Vinham os historiadores e o Estado de Madelon Faria.



Oswaldo Lamartine,
segundo Vicente Serejo:
"Olhem bem para ele.
Não é um homem comum.
Nele ainda vive o sentimento
nobre das velhas baronias. A
grandeza trágica da resistên-
cia. A solidão monástica da
vida. Porque ele é o último
Príncipe do Reinado do Gran-
de Sertão de Nunca-Mais."

fresca do mar. Procuravam terras e abrigos para plantar suas sementes de famílias e de rebanhos.

Cultura e civilização, num caldeamento permanente de hábitos, costumes e tradições.

Os homens, como os apóstolos, naquela hora antes do milagre, só podiam acreditar no que viam e ouviam. Mas criaram e plantaram. Cresceram e multiplicaram. Inauguraram na terra inóspita o amor a Deus, e rezaram, cheios de fé, nas Trindades do anoitecer. Espalharam rebanhos de gado. Colheram, produziram e conservaram alimentos. Dominaram o ferro e o couro. A madeira e a pedra. O espinho e a flor.

Quando a civilização ancestral e arcaica se fez por inteiro, e o olhar humano dominou a vastidão das serras, os grotões e os vales, o sertão tinha senhores de terras e vaqueiros. Suas casas estavam plantadas no alto, em duas águas, com alpendres que protegiam os paredões do abrigo contra o sol e a chuva. E o pé direito elevado e destemido para afugentar o calor, soprando a fresca viração dos dias e das noites sob o mormaço das telhas.

Pequenas fortalezas, simples e altaneiras, feitas para defender a vida e a propriedade, a honra e o suor.

É Câmara Cascudo quem avisa numa frase magistral no seu Tradições Populares da Pecuária Nordeste:

“O arame deu ao vaqueiro, pela primeira vez, a impressão dominadora da posse alheia, a imagem do limite”.

Estava fundado o Reinado do Grande Sertão.

O HOMEM

Nele, nesse Reinado Mágico e Monumental, nasceria um menino que mesmo tendo cortado o umbigo em Natal, tinha sua raiz secular fincada no sertão, nos chãos de pedra do Seridó. Afinal, é Comenius na profunda erudição de sua seiscentista Didactica Magna quem avisa, há quatro séculos, que “a natureza produz tudo a partir da raiz”. E adverte: “Porque na árvore, tudo o que virá a ser madeira, casca, folhas, flores e frutos, não provem senão da raiz”.

O sertão é a raiz desse menino caçula e temporão, ou, como ele mesmo escreveu, “sobejo da seca de 19, o último de uma ninhada de dez”.

Oswaldo Lamartine de Faria nasceu a 15 de novembro de 1919, quando a República fazia trinta anos e a chama do Império ainda ardia nas almas dos mais velhos. Filho de Juvenal Lamartine de Faria e D. Silvina Bezerra, ambos descendentes das velhas e nobres famílias patriarcais e povoadoras do Seridó. Das linhagens paterna e materna trouxe o despojamento de uma vida austera e sem regalias, a nobreza das idéias e a heráldica das coragens.

Para desasnar no ler e no escrever, foi aluno da professora Belém Câmara até 1927. Depois, estudou no Colégio Pedro II com o mestre-escola Severino Bezerra, até bater com os costados no velho Ginásio do Recife, de 31 a 33. Por fim, concluiu os estudos de Humanidades no Instituto Lafayette, no Rio, em 1936, de onde saiu para a Escola Superior de Agricultura de Lavras, em Minas Gerais. De lá, trouxe um diploma de Técnico Agrícola e um amigo que escolheu para ser como um irmão a vida inteira: Vingt-un Rosado.



Restava, diante dele, o caminho da volta. Não mais para os sertões do Seridó, a Fazenda Ingá, o país da infância. Mas para Lagoa Nova, na Ribeira do Camaragibe, a fazenda do pai. Um mundo sem fim de dez mil hectares e onde viveria de 1941 a 1947. Para retornar, cinquenta anos depois, e onde envelhece, silencioso e sábio, olhando do seu lenço de terra os longes do sertão, e, como ele gosta de dizer, até bater com os olhos nas paredes do céu.

De nenhum outro diploma precisaria mais, no mundo e na vida.

Tudo quanto aplicou como saber de conhecimento técnico, como administrador de colônias e núcleos agrícolas, no Rio, no Maranhão e aqui no Rio Grande do Norte, foi porque fora antes treinado nas lembranças do menino e nas vivências do homem feito. Os pontos cardeais de um saber que ele tinha como se tivesse guardado em velhos baús de família e em malas de couro cru. Porque dentro dele mesmo já estavam todos os elementos de uma civilização mágica e monumental. Feita de céu e de mato. Das secas e das cheias. De lajedos e bichos. Das águas correntes dos rios e das águas paradas dos açudes. De luzes e sombras. De abusões e aparições. Sertão de vaqueiros e caçadores, rastejadores e pescadores. Sertão dos mestres de ofício na madeira, no ferro e no couro. Reinado encantado feito de homens sem medo e mulheres valentes. Sem rei e sem vassallos.

O ESCRITOR

Só algum tempo depois, nasceu o escritor. Mas tudo quanto Oswaldo Lamartine escreveu até hoje, a rigor, ele também já sabia desde os tempos de menino. O que veio a seguir, amansando a palmatória, alisando os bancos escolares, ouvindo os professores de Lavras, discutindo com os técnicos do Banco do Nordeste, lendo e perguntando, foram informações e técnicas. E o que leu nos grandes autores, nas leituras eruditas de uma sempre rica e vasta biblioteca, foram nada mais que sistematizações e ordenamentos para o lastro teórico de um saber que aprendera antes, vendo e ouvindo, observando e anotando, analisando e comparando. E tudo só para compreender o sertão.

Porque tudo ele aprendeu na Escola do Sertão. A velha escola do saber laico, da sabença erudita e popu-



lar que Câmara Cascudo, mais uma vez em Tradições Populares da Pecuária Nordestina, descreve assim, pleno e lírico:

“Brincava-se de fazendeiro, de vaqueiro, repetindo-se no microcosmo infantil o macrocosmo humano. Era o serviço de campo, galopando em cavalo-de-pau, juntando o gado feito de ossos com aboios sinceros e obediência maquinal da manada. Vaquejadas com derrubadas espetaculares. Fazer açudes, com cacos de louça. Juntar água, fazê-la correr, luzindo nos canais de irrigação rasgados à unha. Encanto, sedução, ciúme pela água. Um rio cheio era um deslumbramento”.



E essa Escola, com seus mestres de ofício e sua didática oral o próprio Oswaldo Lamartine, revelaria aqui, neste mesmo salão, quando recebeu a medalha dos cinquenta anos desta Academia, numa noite de 1987. E descreveu assim a Escola do Sertão, depois de confessar que Cascudo foi aquele que mais lhe influenciou → a frase é dele, de Oswaldo - “a botar no papel as coisas do meu mundo que espiava, pisava e não via”:

Ele disse:

“Daí – pra quê negar? – estou de cabeça aos pés, banhado de um sadio e merecido orgulho. Mesmo porque entendo que a recebo também em nome de todos os que me desasnaram de cada coisa: Mestre Pedro Ourives, o seleiro. Mestre Zé Lourenço, o fazedor de barragens. Chico Julião, o caçador de abelhas. Bonato Liberato Dantas, o pescador de açudes. E o rastejador e vaqueiro maior das ribeiras do Camaragibe – Olinto Inácio”.

E acrescenta, pedindo glória aos acadêmicos, não para ele, mas para seus humildes e anônimos professores da Escola do Sertão, diante do brilho da medalha que os doutores nos saberes formais lhe outorgavam naquela noite solene:

“Por isso sou agradecido, por mim e por eles, a vosmincês”.

Basta um simples olhar sobre os títulos de suas principais pesquisas e os velhos professores da Escola do Sertão do Seridó, com suas lições eternas, parecem saltar, vivos, diante de nós. Ouçam: A Caça nos Sertões do Seridó, ABC da Pescaria nos Sertões do Seridó, Algumas Abelhas dos Sertões do Seridó, Conservação de Alimentos nos Sertões do Seridó, Vocabulário do Criatório Norte-Rio-Grandense, Encouramento e Arreios do Vaqueiro no Seridó, Açudes nos Sertões do Seridó, Ferros de Ribeiras, Apontamentos sobre a Faca de Ponta e Notas de Carregação.

O ESTILO

Se fosse preciso buscar ajuda na marcenaria literária das citações, bastaria repetir uma vez mais o velho Buffon, no seu Discurso sobre o Estilo, quando afirma numa síntese célebre: “O estilo é o próprio homem”. Para ele mesmo acrescentar: “Porque o estilo é apenas a ordem e o movimento que aplicamos às nossas idéias”.

Enquanto Goethe, nas suas famosas conversações com Eckermann, ensina, humano e certo: “Em geral, o estilo de um escritor é o reflexo fiel do seu íntimo”. Ou, para lembrar Montaigne na frase que tanto encantava os ouvidos exigentes de Machado de Assis que a cita no Capítulo 68 de Dom Casmurro: “Não são meus gestos que escrevo; sou eu, é minha essência”. Ou, ainda uma vez mais, o aviso seco dele mesmo, o Bruxo do Cosme Velho, com seus olhos de lâmina esculpindo palavras, numa crônica de 10 de outubro de 1864: “A primeira condição de quem escreve é não aborrecer”.

Ninguém é mais fiel aos seus gestos e a si mesmo, ao seu íntimo, à ancestralidade de sua própria vida, ao sertão monástico e monacal, como quem escreve com uma pena feita das plumas do algodão do Seridó, ninguém é mais fiel à sua própria alma do que Oswaldo Lamartine. É ele mesmo, sempre. E não aborrece nunca. E é como se conhecesse as exigentes recomendações de Roland Barthes quando fala sobre o prazer do texto e da leitura. Ouçam, é de 1966, a belíssima síntese que ele, o próprio Oswaldo, faz para explicar seu estilo:

“Outros fazem adjuntos de patações de ouro, de água-de-cheiro e até de mulheres. Nós arrebanhamos palavras da boca dos vaqueiros... E não havendo pelas ribeiras de cimento-armado da Cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro onde as campear, tivemos de farejar, rastejar e caçar cada uma delas, perdidas na memória audível do Sertão de Nunca-Mais, no falar alheio e nos papéis dos outros”.

A rigor, “o falar do sertão”, aquele que está ali no Vocabulário do Criatório, por exemplo, mas também em todos os seus livros e textos, bilhetes e cartas, é o saber bebido na Escola do Sertão. Mantido e transmitido pela cultura oral e coletiva, essa força mágica e natural que talvez seja a mesma que o poeta popular Josué Romano elogiou no seu pai, o grande cantador Romano de Mãe D’Água, da Paraíba, quando disse que ele tinha “a ciência da abelha e a força do oceano”.

Ou, na chancela autorizada de Câmara Cascudo quando confessou, num corte perfeito, a estranheza que era vê-lo trabalhando no Banco do Nordeste e não como um catedrático. Cascudo reclama:

“Oswaldo Lamartine, esculpido em pau-ferro, ágil por dentro e por fora, depositado num banco em vez de estar numa cátedra”.

Oswaldo Lamartine é dono do saber universal.

Todo ele é um só. Uno e único. Na plenitude de um estilo que tem harmonia indivisível, numa fusão perfeita de forma e conteúdo, timbre e dicção. O professor Francisco das Chagas Pereira, mestre pela Sorbonne, ao apresentar a edição dos Sertões do Seridó, feita pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a convite de Sanderson Negreiros, pró-reitor de Extensão do então reitor Diógenes da Cunha Lima, foi buscar na “Semelhança”, uma das quatro forças da teoria das similitudes de Michel Foucault, a explicação erudita do estilo de Oswald: “O sertão de Lamartine não existe como objeto exterior de pesquisa, distanciando de impessoal investigador. É espaço interior, vivenciado, incorporado ao mundo de valores do escritor”. E arremata: “Até parece ter-se cristalizado no seu perfil aristocraticamente seco, tímido, quase ascético”.

A escritora Natércia Campos, ao apresentar as conversas “Em Alpendres d’Acauã”, a mais bela confissão de corpo inteiro que fez até hoje, lança um olhar, assim, depois de avaliar o conjunto do pensamento oswaldolamartineano:

“As respostas de Oswald Lamartine de Faria revelam o amor ao chão, aos dias de antanho, quase sempre míticos, a etnografia – “nossa memória no Tempo”.

Porque o sertão está dentro dele mesmo. Afinal, para ele, a cidade foi sempre só um lugar de descobertas e espantos, e não o seu lugar, o lugar de viver. Tanto que começa seu discurso no lançamento da Caça nos Sertões do Seridó, seu livro de estréia, em 1961, há exatos 40 anos:

“O meu Natal ainda é o Natal do menino boquiaberto de olhos arregalados para os céus, catando entre as nuvens o vulto do Jahu, de Ribeiro de Barros, dos ratos voadores do Generalíssimo Balbo e da silhueta bojuda do Graff Zepellin. O Natal contrito do Padre João Maria. Natal dos veraneios em casas de taipa e palha da Redinha. Praia do Morcego e Areia Preta – quando se tomava banho de mar por prescrição médica”.

E acrescenta, cheio de lembranças, como se a saudade amansasse a frieza desumana das ruas e das avenidas ao longo das manhãs, das tardes e das noites urbanas, longe dos caminhos bucólicos daquele sertão coberto pela “paz outonal dos bois dormindo”, o sertão de Zila Mamede, uma das suas paixões intelectuais:

“Natal dividida e vibrante nas manhãs de Centro e Esporte, nas tardes de América e ABC, nas noites do Cordão Azul e Encarnado”.

O TALHE

Há, como que escondida num ninho de casaca-

de-couro, entre facheiros e mofumbos, uma modernidade singular e espantosa ao longo de todo o universo oswaldolamartineano. Um olhar só comparável, entre nós, aos lances arrojados de Eloy de Souza quando fez, no início do século passado, as conferências “Costumes Locais” e “Alma e Poesia do Litoral”; e Câmara Cascudo, ao escrever as micro-histórias do homem brasileiro. É quando retira os olhos da paisagem física e com eles vai a paisagem humana, aparentemente invisível, guardada no mais íntimo cotidiano das casas grandes do sertão do Século XIX. E remexe com esses olhos as pequenas prateleiras onde eram guardados os poucos livros naqueles monastérios perdidos na solidão do mundo.

E como que temendo olhar, sozinho, velhos livros que tratavam dos pecados e das virtudes da carne e da alma, chamou o Padre João Medeiros Filho, outro seridoense de cultura bem assentada nos lajedos do saber universal. E na companhia dele leu os livros sagrados e profanos: a Imitação de Cristo e o Chernoviz; a Bíblia Sagrada e a Medicina Caseira; o Lunário Perpétuo e o Advogado da Roça; O Adoremus e o Código de Bom Tom; a Missão Abreviada e o Dicionário de Moraes. E de tudo quanto foi lido e ouvido nos seus ecos seculares, nasceram leituras de leituras que foram reunidas no Seridó Séc. XIX – Fazendas & Livros, numa moderna visão na perspectiva do imaginário, bem naquela visão do professor Durval Muniz, mestre e doutor, titular da cadeira das novas histórias da Universidade da Paraíba, quando olha o Nordeste como uma invenção, parte daquilo que ele classifica como “paisagem imaginária” do Brasil.

Diante desse livro de Oswald Lamartine e do padre João Medeiros Filho, puros e despojados que eles são dos cânones acadêmicos e suas teorizações, se tem a inesperada sensação da antevisão da Escola dos Annales. Nome que nasceu de uma revista fundada por dois modernos historiadores franceses, Marc Bloch e Lucien Febvre, naquela Paris agitada da segunda metade dos anos vinte. É que ensinaria ao mundo “la nouvelle histoire” – a nova história. Aquela que viria para revolucionar o destino do homem como contador de histórias e lhe ensinar que as narrativas não devem abrigar apenas a vida dos grandes ídolos, heróis e mártires, como condenou François Simiand, mas todas as histórias do homem. Era a revolução na historiografia. A escola de Daniel Roche, o premiado professor da Escola de Altos Estudos de Paris com sua História das Coisas Banais. Dos ingleses Keith Thomas, o catedrático da Academia Britânica e autor do maior estudo contemporâneo sobre a relação do homem com o mundo natural, feito de plantas e bichos; e Theodore Zedind, de Oxford, com sua História Íntima da Humanidade. Dos brasileiros Roberto da Matta, o antropólogo que estudou a casa e a rua; do crítico Antônio Cândido e seu olhar moderno sobre a malandragem carioca.

A CONSAGRAÇÃO



Aos 29 anos, quando parecia inteiramente desconhecido, Oswaldo chama a atenção de três dos maiores nomes da intelectualidade nordestina e brasileira: Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Mauro Motta. Num artigo para a revista O Cruzeiro, edição de 9 de outubro de 1948, o autor de Casa Grande & Senzala cita Oswaldo para os olhos do Brasil, a quem classifica como uma revelação de estilo na etnografia brasileira. José Lins, no mesmo ano, na coluna "Homens, Coisas e Letras", publicada em todos os jornais Associados do País, registra:

"... muito teria que aprender com o jovem ensaísta riograndense do norte, e desta coluna lhe pediria que se possível fosse, me mandasse de empréstimo o que possua em folhetes e ABCs sobre o nosso tema". E consagra, fechando o parágrafo: "O último artigo de Lamartine é uma magnífica observação sobre o progresso que no Nordeste sofreu o cangaço".

Ele resistiu.

Em seguida recebe um convite do Museu Nacional, do Rio, em julho de 49, para fazer conferência naquele que é até hoje o maior centro de estudos da antropologia brasileira. Não aceitou.

Em 1954, ao receber a visita de Lenine Pinto, Gilberto Freyre, que na sua conferência em Natal, na Escola Doméstica, já registrara que Oswaldo Lamartine era "um dos melhores etnógrafos do Brasil", outra vez revela sua admiração e cobra a presença. É o próprio Lenine que registra num artigo para a revista Bando, em 1954, quando ele ainda não tinha, sequer, um só livro escrito e publicado:

"Ele mesmo, para surpresa nossa, é que indagou da existência de Oswaldo Lamartine. Queria conhecer Oswaldo. Queria que Oswaldo fosse levado ao Recife. E empenhou na ocasião o convite do Instituto Joaquim Nabuco para que Oswaldo realizasse uma conferência".

Não foi.

É Gilberto Freyre que se refere a Oswaldo Lamartine e Câmara Cascudo no seu "Problemas Brasileiros de Antropologia", informando: "...em torno de assuntos nordestinos se tornaram mestres Luís da Câmara Cascudo e Oswaldo Lamartine". Ao fazer a dedicatória no exemplar de "Perfil de Euclides e Outros Perfis", em 1948, escreveu: "A Oswaldo Lamartine com um abraço e a muita simpatia do seu companheiro de estudos".

Nunca publicou a mensagem de Rodrigo Octávio Filho, da Academia Brasileira de Letras, lhe consagrando o estilo. Sempre escondeu as dedicatórias consagradoras de Octávio Domingues, o zootecnista considerado um clássico no Brasil. Mauro Motta era

seu leitor e queria publicar seus livros. Não conseguiu. Helmut Sick, o maior nome da ornitologia brasileira, escreveu que ele é o mais profundo conhecedor do sertão do Seridó. Consta na bibliografia de vários livros importantes da cultura brasileira. Estevão Pinto lhe cita o nome em estudos sobre índios e está na bibliografia geral do dicionário de Aurélio Buarque de Holanda, além de uma relação de outros nomes que não acabaria nunca citar. Coletou, ordenou e classificou as primeiras peças líticas para um estudo da arqueologia do sertão. Quase ninguém sabe disso.

Foi consultor da Globo quando da adaptação para a tevê do Memorial de Maria Moura, de Raquel de Queiroz, e dela mesma, de quem mereceu dedicatória agradecida na folha de rosto do romance.

Nada lhe fascinou. Só o sertão. Com sua alma de monge, num ascetismo invencível, viveu fechado no seu sertão e na sua caverna feita de livros, sem nunca desejar sair.

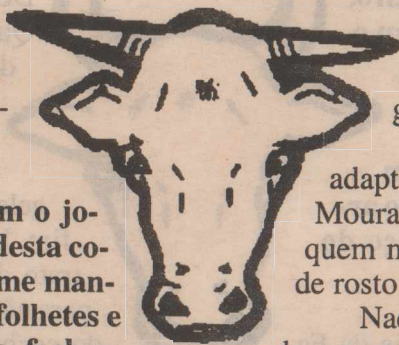
Senhores Acadêmicos,
Minhas Senhoras, Meus Senhores

O sertão de Oswaldo Lamartine é bem aquele sertão talhado a golpes do estilo monumental e mágico de Gustavo Barroso, na abertura do seu clássico "Terra do Sol". E que peço permissão para citar e comparar nesta noite solene porque representa um dos momentos mais antológicos da literatura sertaneja na visão de Oswaldo e porque tem, na formação de sua fruição estética, a força de uma leitura fundadora:

"Quem das brancas praias do Ceará demanda o interior das terras, nota que todo o terreno sobe, muito sensivelmente, da orilha do Atlântico para o sertão. E, quando se avistar uma argila vermelha ao invés da alva areia dos tabuleiros que margeiam a costa e o olhar não mais vir o cajueiro e o cauacú, nem as crespas moitas viscosas de murici, guajirú, guabiraba e murta oferecerem seus frutos ao descaso dos transeuntes; quando o pau-branco se esgalhar entre cerrados de rompegibão, troncos altos de catamdubas elegantes e, ao olhar se estenderem vastas caatingas de juremas raquíticas, ensombrando touceiras de coroa de frade; quando cortarem o terreno largas lajes de granito e chistos argilosos, quartzitizados, se esbarrondarem nas ribanceiras, por entre lascas de calcário endurecido, lenta e silenciosamente se transformando em mármore, - ai começa o sertão".

Agora é ele, Oswaldo, na belíssima descrição do açude:

"Espia-se a água se derramando líquida e horizontal pela terra adentro a se perder de vista. As represas esgueiram-se em margens contorcidas e



embastadas, onde touceiras de capim de planta ou o mandante de hastes arroxeadas debruçam-se na lodosa lama. O verde das vazantes emoldura o açude no cinzento dos chãos. Do silêncio dos descampados vem o marulhar das marolas que morrem nos rasos. Curimatãs em cardume comem e vadeam nas águas beirinhas nas horas frias do quebrar da barra ou morrer do dia. Nuvens de marrecas caem dos céus. Pato verdadeiro, putrião e paturi grasnam em coral com o coaxar dos sapos que abraçados se multiplicam em infindáveis desovas geométricas. Gritos de socó martelam espaçadamente os silêncios. Garças em branco-noivo fazem alvura na lama. É o arremedar, naqueles mundos, do começo do mundo”.

Ora, quem cruza as porteiras azuis da Fazenda Acauã no beijo do asfalto e desliza numa trilha estreita, entre dourados panascos que o vento tange e ondula como os trigais dos Pampas tocados pelo Minuano; quem passa pelas pedras gigantes como se fossem feitas para avisar que ali é um refúgio; quem vence o caminho comprido que serpenteia na caatinga guardado pelas sombras das umburanas que estalam ao sol; ainda de longe, e do alto, sente a celebração do verso de Auta de Souza quando vislumbra a silhueta branca da casa como se estivesse envolvida pelo “incenso agreste da jurema em flor”.

Ah, minhas senhoras e meus senhores!

O sertão senhorial e nobre está todo ali. Vivo e inteiro, na sala da casa grande de Acauã. Onde hoje ele vive na solidão dos dias e das noites. Do sol e das sombras. Vizinho e amigo da Serra dos Macacos, Ribeira do Camarajibe. E cercado das árvores que ele mesmo plantou: – craibeiras, aroeiras, oiticicas, alfarrobas, paus d’arco, umburanas e cumarús.

Basta entrar.

Na parede da frente, em ferro duro como o sertão, o sinal de gado de um Lamartine legítimo, fundido nas leis da heráldica sertaneja, misturando o caixão-damarca do pai com a forma avoenga da tradição materna. Na porta de quem chega, em duas folhas como as velhas portas das casas antigas, a placa de ágata com o número 431, tudo quanto resta da casa onde nasceu, ali na esquina da Rodrigues Alves com a Trairi. Na mesma Trairi onde depois foi morar num palacete esquina da Campos Sales que um dia viu o progresso devorar sem deixar sequer o número, mas que continua nos seus olhos, intacto, suspenso no ar, como o quarto do poeta.

A bengala do pai, com o castão ornado em delicados e finos florais de ouro; um relógio oito batendo e repetindo as horas melancólicas do sertão de nunca-mais; quadros, poemas-autógrafos de Manuel Bandeira e Zila

Mamede; chocalhos calados, baús quietos e cheios de silêncio guardando a assinatura dos que lhe visitam; estribos que dormem seu sono de prata; uma mesa de peroba-do-campo que ele alisa com sua mão magra como se fosse um bicho de estimação; uma cruz de ferro, réplica da que veio na esquadra de Cabral para proteger seus navios; um retrato do pai; uma lasca de cumarú com a marca da Fazenda Não Me Deixes, presente de sua amiga Raquel de Queiroz, soltando o leve perfume dos sertões do Quixadá; gravuras, imagens, medalhas e objetos de velhas afeições.

No dedo mínimo da mão direita, dois anéis singelos. E incrustadas na sinzeleza deles duas saudades e duas tristezas sem fim. Uma cachorra que se chama Kalú e um retrato de Parrudo, o cão que precisou sacrificar para não vê-lo sofrer porque tinha o mesmo nome do cachorro da infância. Logo ele, que conhece como ninguém as qualidades dos cachorros criados no sertão que no dizer de Gustavo Barroso “são humildes, obedientes, tristes e desconfiados”, mas também “dedicados e agradecidos”.

Por sobre tudo, como uma sentinela indormida, uma velha garrucha do sertão colonial. Porque a exemplo do que disse o poeta Gerardo Mello Mourão ao receber diante dos mestres da Universidade Federal do Ceará o título maior de Doutor Honoris Causa, Oswaldo também tem a linhagem dos que ainda guardam “nos ouvidos da memória o estrondo dos bacamartes, das salvas das escopetas, das lazarinas de pederneiras e dos rifles de papo-amarelo”.

E um galo-de-campina. Criado solto como os seus canários da terra, suas graúnas e seus bem-te-vis. Um galo-de-campina, sim, herança do seu amigo Monsenhor Expedito que na modorra do meio-dia pousa delicado e humano sobre a borda alva do prato de porcelana onde Oswaldo almoça o seu almoço de passarinho. Vem para lhe fazer companhia. E fica bicando alguns grãos de arroz num milagre de beleza e transcendência. Porque Oswaldo é como se fosse o São Francisco dos pássaros de Acauã. Alimentando a todos com suas mãos amorosas e sem afugentá-los, de tão íntimo.

Como é orgulhoso vê-lo nesta casa. Como demorou a chegar. Resistindo a todos os convites com sua alma arisca às louvações. Oswaldo, meu mestre. Meu irmão mais velho. Esse homem cósmico e genial. O maior estilista da etnografia brasileira.

Olhem bem para ele.

Não é um homem comum.

Nele ainda vive o sentimento das velhas baronias.

A grandeza trágica da resistência.

A solidão monástica da vida.

Porque ele é o último Príncipe do Reinado do Grande Sertão de Nunca-1Mais.

Muito obrigado a todos.



pela União Brasileira de Escritores (1993).

Visitando à Cidade de Goiás - Falou-me, com nostalgia, de sua passagem pela Cidade de Goiás, pois o seu segundo marido, o médico Oyama Macedo, era natural de Vila Boa, que na década de cinqüenta, levou-a para conhecer o seu o seu torrão natal. Passou trinta dias na velha capital de Goiás, onde conheceu Cora Coralina, poeta de grande projeção no Brasil e em Portugal. A nonagenária escritora evocou vários dos seus amigos: Lêdo Ivo, José Lins do Rego, José Augusto Bezerra de Medeiros, Jorge de Lima, Jorge Amado, José Olympio, Daniel (seu afilhado), Graciliano Ramos, José Américo de Almeida, Oswaldo Lamartine de Faria, Bernardo Élis, Cora Coralina, José J. Veiga e Gilberto Mendonça Teles e o renomado folclorista Luís da Câmara Cascudo, a quem afetivamente, ela chamava de Cascudinho.

Angústia do Graça - “Eu considero *Angústia* uma obra-prima do amigo Graciliano Ramos. Pois bem, Getúlio: Graça tinha escrito *Angústia* “movido a cachaça”, como gostava de dizer. Bebia, bebia e passava a noite escrevendo. Numa manhã, a Heloísa entra no quarto e não vê os originais do romance.

— Cadê os originais?

— Joguei fora, disse o mestre Graciliano Ramos.

Heloísa me telefonou: “Rachel, o Graça fez isso, assim, assado”. Fui com Heloísa procurar o livro numa lata de lixo. Limpamos tudo, passamos um carão no Graça (risos). Estava salvo o *Angústia* do saudoso amigo Graciliano.”

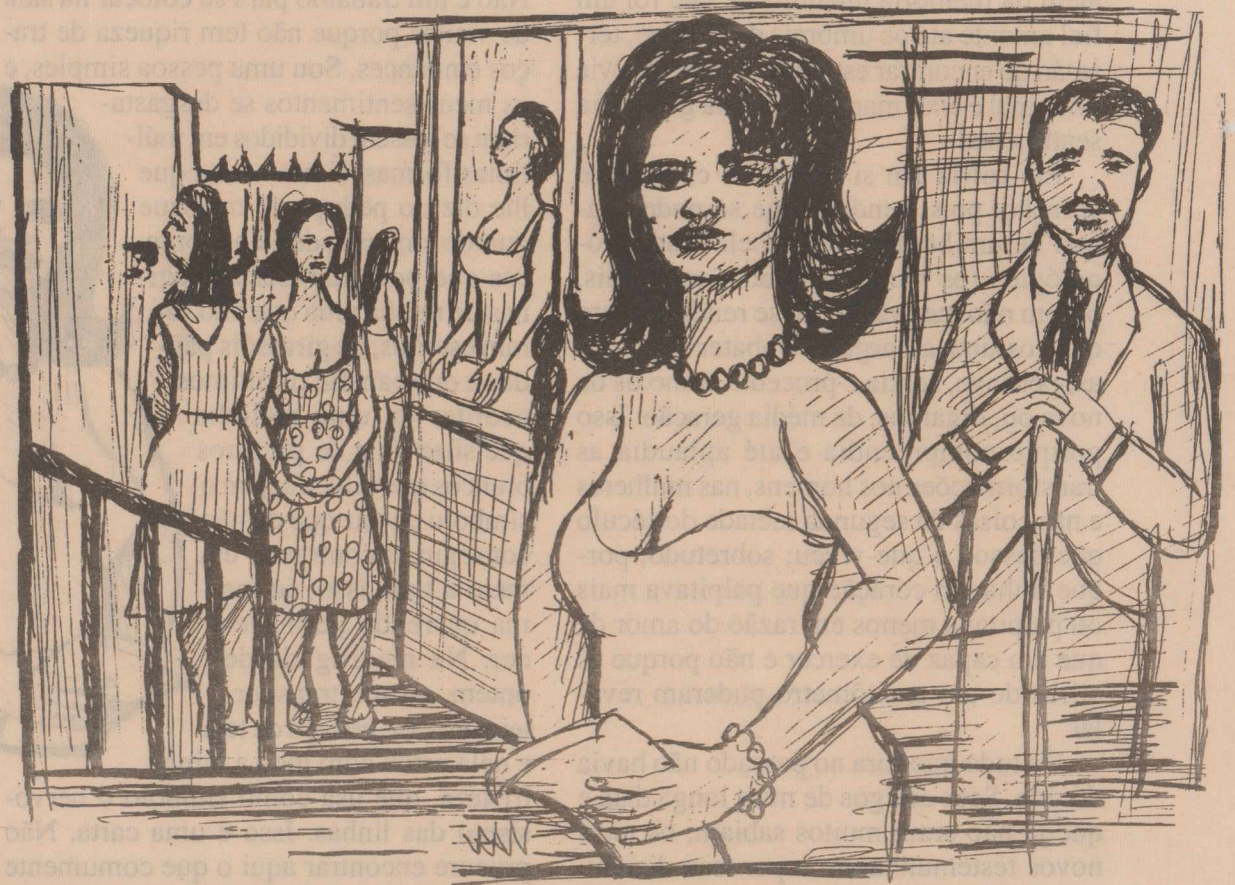
Zé Lins hipocondríaco - Sobre o paraibano José Lins do Rego, Rachel fala de sua personalidade hipocondríaca, que tinha medo até da alimentação. “Era um maluco, porém dotado de grande inteligência, excepcional escritor, meu amigo fraterno.

Oswaldo Lamartine - “Tenho o Oswaldo como um irmão, um rapaz muito preparado, conhece tudo da fauna e flora do sertão seridoense. Acho que, no Brasil, ninguém entende mais do sertão e do Nordeste do que Oswaldo. Um grande garimpeiro da palavra. Por onde anda Oswaldo Lamartine?”

Ao regressar a Goiânia, evoco neste canto de página, o meu enternecido encontro com Rachel de Queiroz, o mito da fazenda Não me Deixes, em Quixadá-CE.

Getúlio Araújo é médico e membro do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

O romantismo tem vida eterna



João Wilson Mendes Melo

O autor desta história é, na realidade, um dos autores, pois os textos principais não são seus, mas de pessoas que tiveram por ele alguma estima. Foram encontrados nos seus artigos privados e merecem vir à luz da inteligência e da sensibilidade de outras pessoas que guardam um maior potencial de ternura, um desejo muito vivo e uma necessidade mesma de afagos superiores ou humanamente latentes. Desejos que não discriminam idades porque são infinitos, porque são eternos.

São personagens um narrador e duas missivistas sentimentais que não se conformaram em apenas sentir, mas quiseram comunicar, transmitir para que seus sentimentos não passassem e se diluíssem no

tempo, como os sentimentos comuns.

Não é triângulo amoroso, pois não há figura geométrica em que caibam pelo seu valor e até, se não for exagero dizer, pela sua transcendência. Não tem idade como a têm as pessoas físicas; cabem em todos os viventes, indiscriminadamente. Nasceram na infância; no amor do aluno menino inocente pelas colegas a ele iguais ou até pela professora ou por uma aluna menina-moça. Daí em diante muda de forma, mas não muda na essência.

Isto será um conto? Pode ser. Lembre-se de que, numa polêmica generalização sobre o conceito desse gênero narrativo, chegou-se a dizer que “conto é tudo aquilo que denominamos conto”. Deixo ao leitor a tarefa de crítica sobre essa classificação e da descoberta de seu autor. Esta nar-

rativa tem três autores, como verão a seguir.

No futuro dirão: ele era um homem sóbrio. No dinamismo que apresentava escondia-se uma alma romântica com um desejo de estética em tudo que fazia. Tinha atitudes de dinamismo, sim, mas o que ele era mesmo era um romântico que insistia em não assumir o seu lugar.

A razão dessa postura estava em um coração que necessitava viver num clima de afeição e em atitudes de recíproca comunhão.

Tanto isso é verdade que no futuro, além da memória unânime de que foi um fiel amante até os umbrais da velhice, ter-se-ão de encontrar estradas marginais à via principal e eixo marcante de sua geografia sentimental.

Ele sofria em si próprio o choque de geração, pois, sendo o que se pode chamar de um homem velho pela idade cronológica (os números podem ser cruéis, porém não mentem); não se rendia ao fato que costuma amargurar e abater as pessoas; pensava, sentia e procedia como os da nova ou, digamos, da média geração. Isso porque compreendia e até aplaudia as transformações nos homens, nas mulheres e nas coisas da segunda metade do século que passou e que viveu; sobretudo, porque tinha um coração que palpitava mais ou palpitava menos em razão do amor de que era capaz de exercer e não porque as cifras de um tensiômetro puderam revelar.

De tudo que fora no passado não havia dúvida. Seus amigos de mais longa data e que já não eram muitos sabiam; os mais novos testemunharam e por isso diziam: “Como ele é romântico.”

Resolveu, um certo dia, relembrar não para alguns ouvintes, mas para alguns leitores, certas reminiscências que persistiam na memória e em alguns papéis guardados com carinho.

Seria bastante transcrever conteúdos de correspondências. Mas, assim, honestamente, a história a ser contada não seria de sua autoria e sim das próprias missivistas se ele se restringisse de fato aos textos reveladores, ao serem revelados. No entanto, não concretizou este propósito. Tanto assim que encontrarão, no seu modesto espólio, alguns quadros na parede e alguma correspondência em pastas, como ele, envelhecidas.

As personagens seriam, na verdade, como previra, autores, pois seu papel seria o de um organizador que pesquisou em

seus próprios arquivos e coligiu o que tinha conexão e lógica.

Eis que resultou, em dois textos que escolheu e agrupou, nessa espécie de conto, se o quisermos considerar como tal. Vejamos o primeiro:

“Ontem, na madrugada, enquanto todos repousavam seus cansaços, explodia em mim a ternura e o carinho que lhe tenho. Procurei jogar o meu sentimento nesse espaço de tela e os elementos foram se agrupando e nascendo independentes. Menos de que um quadro isso é uma carta a quem se quer bem. Talvez uma carta triste, mas é uma carta que quer dizer muito. Não é um trabalho para se colocar na sala de visitas porque não tem riqueza de traços e nuances. Sou uma pessoa simples, e os meus sentimentos se desgastariam se fossem divididos em múltiplas formas. É uma carta que lhe diz do pedaço de mar que guardo em mim, de folhas brancas que poderiam ser as páginas de minha vida que não foram escritas, de girassóis pálidos e que cantam os últimos acordes de uma melodia que silencia e de pássaros brancos que talvez sejam o símbolo da paz que eu não consegui encontrar e, em meio a tudo isso, eu mesma querendo permanecer. Na madrugada de ontem, eu me transporte para esse pedaço de tela e nela estou com toda a minha tristeza, que usa como símbolo o nervosismo das linhas. Isso é uma carta. Não procure encontrar aqui o que comumente os críticos de arte buscam em trabalhos semelhantes. É apenas uma carta em cores, que quer lhe dar o meu pedaço de mar, páginas a serem escritas, rosas, últimos acordes de canções e a paz que não guardo em mim.”

E não se resumirá a isso a descoberta do tesouro, sem prata e sem ouro. Vem, finalmente, um outro achado precioso: um fragmento de carta em que, visivelmente ou por uma espécie de precaução necessária, pois temos que acreditar no seu critério, foram rasgados o nome do destinatário e o da signatária. A carta datilografada revela um episódio sentimental-amoroso, registra uma lástima e uma despedida que, sabe-se, não aconteceu. Eis o seu trecho mais eloquente:

“Não sei o que houve entre nós. Não sei por que houve. Deve ter passado

uma infinidade de anos enquanto estávamos juntos. Imaginariamente. Depois veio o vazio, o caos, o tormento, esse vento cruel... E para que se amar num tempo de agora? Um dia a gente pára e vê que não seguiu nenhuma meta. Comigo as coisas são difíceis, sempre difíceis demais. Poderia eu me mirar nuns olhos calmos como os seus. E correr de mãos dadas num campo de primavera... E ter o coração em paz, aberto para amar e ver bem, tudo com os olhos do amor. Quisera eu poder um dia amar alguém. Quisera que alguém me amasse.

É bem como uma certa história. Alguém que renunciou amar para não sofrer.

Nossos encontros poderiam ser de alegria. De grande amizade. Não devemos nos cativar para o amor. A nossa presença é muito meritória. Estamos num tempo de ser feliz, afinal.

Por essas razões não sei mesmo se acho conveniente que nos encontremos ainda. A minha vida, como a sua, não para. Tudo a nosso redor continua igual nessa jornada da vida. Somos de mundos diferentes. Nada poderíamos ser um para o outro, a não ser grandes amigos. Eu sei que você sabe disso tudo também.

Se não pudermos mais nos ver até a sua partida, eu deixo aqui a minha despedida, o meu afeto e minha gratidão por uns momentos de felicidade que eu vivi. Fica, entre todas as lembranças, a saudade – a única coisa que sempre resta de tudo o que é puro e bom nesta vida, onde a gente representa sempre um papel.”

Duas cartas, dois fatos que se revelam como uma voz do passado, em surdina.

Portanto, dois episódios de uma vida, duas personagens femininas como co-autoras ou, quando muito, uma história com três autores que, em dois tempos distintos, se encontraram.

Nas ausências, pelas grandes e pequenas distâncias ou por aquela viagem que apenas tem bilhete de ida, pelo tempo duradouro ou pelo tempo breve; a mudança de estados sociais ou de outras situações, permanecendo a lucidez mental; o romantismo nasce, renasce e conquista foros de eternidade, construindo e alimentando as atitudes, as vidas e as maiores e melhores construções do espírito humano.

João Wilson Mendes Melo é membro da Academia Northerio-grandense de Letras e autor de *A cidade e o trampo-lim* e *A fé e a vida*, entre outras obras.



A vida é doce

Alexis Peixoto

Era super gentil mesmo, tão doce, mas tão doce que um dia descobriu que era feito de açúcar. Começou com as formigas na cama, que insistiam em mordê-lo durante o sono. Depois achou mais dessas criaturas na gaveta das cuecas, e decidiu que era hora de acabar com aquela praga. Foi até o mercado para comprar veneno, mas quando abriu a carteira para pagar saíram de lá umas 40 e poucas formigas. O vendedor ficou com tanta pena dele que deu-lhe um galão extra de veneno.

Ele só percebeu a gravidade da situação quando voltando cansado e sonolento do trabalho numa quarta à noite. Tropeçou e ralou o cotovelo na parede. Em vez de sangue saía um pozinho branco do "ferimento". Espantado, ele levou um pouco à boca: era açúcar.

Correu para dentro de casa, direto para o banheiro. Olhou-se no espelho esperando ver uma versão disforme e caricatural de si mesmo. Mas não, era o mesmo de sempre, só que agora era feito de açúcar.

Mesmo assim, não podia acreditar. Era absurdo! Onde já se viu um ser humano ser feito de açúcar? Não era possível!

Todos gostavam dele, não tinha um inimigo sequer.

O pai morreu de câncer quando ele ainda era uma criança. Havia perdido o irmão alguns anos antes, vítima das drogas. Desde então, fazia campanhas antidrogas para uma renomada agência de publicidade. Eram tão bons seus slogans que logo foi nomeado diretor de criação. Quando chegava a hora de ir pra casa fazia questão de cumprimentar todos antes de descer até o estacionamento e pegar o carro.

- Figuraço! - diziam os amigos do peito.

- Um doce de pessoa! - definiam as amigas.

Sim, um doce. Mas tão doce assim? Resolveu então ignorar a situação. E daí que era feito de açúcar? Algumas pessoas tinham mau hálito, outras suavam em bicas e ele, diretor de criação de uma renomada agência de publicidade, era feito de açúcar. Não sabia dizer se de açúcar



mascavo ou cristalino, mas chegar a esse detalhismo era demais até mesmo para um diretor de criação. Era de açúcar e nem por isso se sentia diferente. E daí?

Conseguiu levar uma vida normal por anos. Tudo que precisava fazer era se banhar com um veneno para as formigas (não muito, pois poderia acabar derretendo), comer bastante doce para se manter forte, e ficar longe de coxinha. Não sabia porque, mas de repente adquiriu uma aversão enorme a esse salgado. Bastava sentir o cheiro para sentir –se mal e querer desmaiar. Feito isso, seguia bem no seu emprego e vida social.

A vida era doce. Literalmente.

Tudo ia bem até que numa sexta-feira de novembro, depois de passar o dia inteiro bolando um slogan para uma nova campanha, resolveu acompanhar o amigo Pedro ao bar Cabo da Faca (não bebia, ia apenas para acompanhar o amigo). A sua doce vida mudou de rumo na volta para casa.

- Sabe quem eu vi hoje? – comentou Pedro com um tom irônico.

- Não, quem?

- A Roberta. – ficou em silêncio, esperando a resposta do outro.

- Quem? – perguntou, depois de um tempo pensando.

- Ah, cara! Fala sério! A Roberta, da faculdade... Betinha lembra?

- Aaaah... Lembro, lembro... E como é que ela está?

- Solteira. Divorciou – se daquele babaca com quem se casou. Lembra que aquele filho da puta vomitou em mim naquele churrasco na casa do Pereira?

- Mas ela não tinha um filho com ele?

- Tinha, tinha... Quer dizer... Tem. Ficou com ele o moleque. Aliás, moleque chato aquele...

Não houve resposta. Ele estava perdido em pensamentos.

- A primeira coisa que ela me perguntou... – pausa dramática que Pedro sabia fazer como ninguém – foi de você.

E vieram em silêncio o resto do caminho até a casa de Pedro.

- Eu acho que você devia ligar pra ela – disse Pedro, acendendo um cigarro enquanto descia do carro.

- Quem...? Ah, Roberta.

- Não se faz de desentendido, cara! Todo mundo sabia que você era doido por ela...

- É, mas sei lá... Já faz tanto tempo...

- E isso é desculpa? Vem cá, há quanto tempo você não sai de casa, hein meu amigo?

- Muito tempo.

- Vai lá, liga, marca com ela e se possível tire fotos, ok?

- Vai dormir, Pedro... E vê se apaga essa coisa que isso te mata aos poucos.

- Não tenho pressa.

Deu a partida e foi pra casa, pensando no que fazer.

“De repente, olhando para aquela chuva que banhava a manhã de sexta-feira se deu conta de que estava cansado. Cansado de toda a manhã banhar-se com o maldito veneno, cansado de ser gentil com todos...”

Passou dias em casa, pensando. Ligar ou não ligar? Será que ela ainda estava como ele lembrava? Afinal, fazia quatro anos que não a via, desde o churrasco em que Pedro teve sua camisa nova atingida por uma golfada de vômito. E será que ela gostava dele? Se algo rolasse, como será que ela reagiria diante de sua condição atual? Oh, dúvida cruel! Lá pelo quarto dia decidiu: ligo, e fodam-se as conseqüências!

Pegou o telefone e discou o número. Do outro lado, atendeu uma voz feminina que parecia cansada, mas bastante sensual, reconhecida de imediato como a voz de Roberta. Desligou, apavorado. Durante os 15 minutos seguintes achou que iria ter um ataque cardíaco. O coração batia disparado, sem parar. Teve receio até de chegar perto do telefone de novo. Quando finalmente se recuperou, ligou de novo e teve coragem para falar com ela. Marcaram de jantar naquela noite, num restaurante do centro.

Ele chegou uma hora e meia antes. Estava nervoso, suas mãos de açúcar suavam litros de adoçante. Até que ela chegou. Linda, num vestido azul deslumbrante. Sentaram-se e conversaram por horas. Foram duas ou três garrafas de vinho antes deles deixarem o restaurante e irem para a casa de Roberta onde passaram a noite juntos.

Quando ele acordou pela manhã, caía uma chuva fina. Ele sorriu ao ver Roberta deitada, dormindo como um anjo, satisfeita após a noite anterior.

“Quem diria, foi bem melhor do que quando eu era de carne”.- pensou.

Sentou-se na beirada da cama e come-

çou a olhar o quarto dela, as fotos em pequenos porta - retratos cima da penteadeira, as roupas jogadas no chão, a fina garoa que caía lá fora...

De repente, olhando para aquela chuva que banhava a manhã de sexta-feira se deu conta de que estava cansado. Cansado de toda a manhã banhar-se com o maldito veneno, cansado de ser gentil com todos... Cansado. Afinal, tinha tudo o que queria da vida. Um bom emprego, bons amigos, a mulher que amava... Ocorreu-lhe que não havia mais graça em viver, pois não havia mais objetivos a serem alcançados, nem mesmo para um homem feito de açúcar. Então, num movimento rápido, abriu a janela e deixou a chuva banhar-lhe o peito.

Quando Roberta acordou, já era tarde. Também pudera, estava bastante cansada depois da noite anterior. Não o encontrou ao seu lado e imaginou que este havia ido trabalhar, ou estava na cozinha preparando um delicioso desjejum. Chamou por ele e não obteve resposta. Ao levantar-se quase escorregou numa enorme poça d'água com açúcar que jazia embaixo da janela. Achou aquilo bastante estranho, mas não deu muita importância, limpou tudo e foi trabalhar. Ao meio dia, ligou para o trabalho dele na esperança de almoçarem juntos. Em vão. A secretária disse que ele não havia aparecido por lá naquele dia. Mesmo assim ligou mais três vezes, sem sucesso. Começou a se desesperar, ligou para Pedro. Este disse que não falava com ele há uma semana. Ligou para a mãe do amado, todos os conhecidos e nada... Nenhuma notícia dele.

Já fazia duas semanas que ninguém tinha notícia dele. A família iniciou uma investigação completa, mas depois de três meses, a polícia desistiu e o decretou morto. Roberta não podia acreditar. Quando finalmente estava ao lado do homem que amava, ele sumia do mapa. E ainda por cima, tinha descoberto que aquela noite havia dado frutos: estava grávida.

Quando o zelador da agência de publicidade foi limpar a mesa para o novo diretor de criação, recém-contratado, encontrou o último projeto do homem – açúcar. Rabiscado em um caderninho estava o slogan para uma campanha que visava levantar a moral dos jovens, tão acabados nas drogas hoje em dia. Estava escrito numa folha do meio do bloquinho, em letras garrafais: “A Vida É Doce”.

Alexis Peixoto é estudante secundarista e contista.

Vamos celebrar o centenário de AUGUSTO SEVERO

Claudio Galvão

O trabalho do pesquisador permite o encontro, às vezes inesperado, dos mais interessantes materiais.

Lendo "A República", de 14 de setembro de 1943, deparei-me com uma das crônicas de Danilo - o conhecido jornalista Aderbal de França -, abordando a visita que fizera ao casal Sérgio-Adla Severo, na comemoração de suas bodas de prata. O anfitrião era filho do aeronauta Augusto Severo de Albuquerque Maranhão, que falecera durante uma experiência com o seu balão dirigível "Pax", em Paris, a 12 de maio de 1902.

Sérgio Severo mantinha em sua casa um verdadeiro museu de objetos que pertenceram a seu pai e relacionados à sua invenção.

Danilo relacionou o que pode ver e que, decerto, desconhecia a existência. A maioria dos norte-rio-grandenses, principalmente os mais jovens, não devem ter conhecimento daquele material, que tanto impressionou o velho cronista.

A ele, portanto, a descrição do que viu:

"Ali está a patente para direção dos balões ou aerostatos; vejo desenhos do "Pax" pelo próprio inventor; o original de uma emenda, manuscrito de Severo como deputado federal, levada ao orçamento da República em 1900, criando uma taxa sobre loterias para instituições sociais, com assinaturas de numerosas representações ao Congresso; a bússola e o barômetro e a bússola de que o aeronauta se servia nas suas experiências; um álbum de fotografias do "Pax" na manhã em que caiu sobre a avenida du Maine - desde a saída do hangar, o instante da desamarra na subida aos céus de Paris, até o momento do desastre e o lugar dos destroços; o bilhete à sua filha na véspera do triste e glorioso dia; um álbum de recortes de 291 jornais europeus sobre a sensacional invenção que deveria dar a Severo o triunfo com o aparelho mais leve que o ar, enquanto Dumont vencia com o



Selo postal, concursos para estudantes e reedição de biografia são algumas das homenagens que devem ser prestadas a Augusto Severo (foto acima e, em baixo, reprodução de desenho de época) no seu centenário de morte.



mais pesado - o avião."

"A bandeira francesa que cobriu o corpo embalsamado na travessia de Paris ao Rio."

"Pego no relógio de ouro, parado na hora matinal do desastre, que fora oferta dos operários do Arsenal da Guerra em 1895. Examino o bellissimo tinteiro de mesa, lembrança de amigos em 1900. Tenho na minha mão preciosa relíquia - um cartão autografado de Émile Zola desculpendo-se de não poder ir à experiência de Severo - talvez um dos últimos originais do famoso romancista. Leio cartões de visita do príncipe Roland Bonaparte, do jornalista Charles Morice, do cronista Gaston de Bellefonds e Abel Ballif, presidente do Touring Club de França.

"Ao abat-jour da secretária vejo ainda outros objetos, fotografias, documentos. Augusto Severo revive e palpita no pequeno museu, num recanto da sala onde ha meditação orgulho. Outras recordações da família surgem nos grandes painéis franceses, nas estatuetas de bronze, na arte antiga de prata lavrada que brilha em conjuntos na sala de jantar."

Certamente impressionado com o que vira, concluiu o velho cronista:

"Deixo a residência do casal Sérgio - dona Adla Severo, quando a cidade é tranqüila e a Junqueira Aires sobe pela sombra deserta do Atheneu, que apenas a lua clareia."

Poucas pessoas sabem da existência e paradeiro deste material.

Parte dele esteve exposto no Museu de História da Fundação José Augusto (atual Museu Café Filho), quando o redator da presentê era diretor da instituição, nos anos sessenta. Lembro-me que as peças foram reorganizadas em uma sala especial, o que muito sensibilizou o Sr. Sérgio Severo, que me comunicou seu desejo de retirá-las de lá, e que o faria apenas no caso de uma mudança de diretor, o que realmente fez.

Estavam lá expostas:

- cerca de trinta fotografias



Augusto Severo posa ao lado do amigo Álvaro Reis (D) e do mecânico Georges Sachet, em Paris. Este último, viria a morrer no mesmo acidente fatídico com o dirigível Pax, em que o aeronauta brasileiro perdeu a vida, nos céus da capital francesa.

- duas bengalas, uma delas com castão de ouro
- planos do próprio punho de Severo, entre eles o dirigível "Potiguarânia"
- uma bússola
- três bandeiras: Brasil, Portugal e França, chamuscadas pelo incêndio do Pax
- várias faixas mortuárias
- uma bandeira da França, que envolveu o esquife quando enviado para o Brasil
- uma máscara mortuária
- um altímetro, amassado
- um relógio de ouro, marcando 5 horas, 50 minutos e 54 segundos, hora em que se deu o acidente em Paris.

Além dos objetos acima citados, sabe-se que Augusto Severo Neto descobriu em Paris, grande quantidade de documentos, havendo trazido cópias deles. Conseguiu, ainda, trazer uma parte do "Pax", que estava em poder do dono da casa sobre a qual o balão caiu, e que a guardava cuidadosamente.

Ainda em referência ao assunto vale registrar uma conferência sobre Augusto Severo feita pelo autor a 4 de setembro de 1967, a convite da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo no curso "Museus do Brasil", ministrada no auditório da "Folha de São Paulo".

Igualmente, destaque-se o lançamento do livro "O pioneiro esquecido – Biografia de Augusto Severo", da autoria de Augusto Fernandes, a 12 de maio de 1966, nas dependências do mesmo Museu de

História da Fundação Jose Augusto.

Salvo engano, depois dos fatos relatados não mais se falou em Augusto Severo em Natal.

A aproximação do centenário do acidente do "Pax" em Paris lembra às autoridades locais o dever de homenagear a memória de um conterrâneo ilustre que, além do trágico fim que teve, deve ser lembrado pela importante colaboração que trouxe aos estudos da dirigibilidade aérea.

Não seria demasiado lembrar a participação de Augusto Severo no momento em que ainda os estudiosos buscavam soluções que pudessem levar o homem a controlar a dirigibilidade dos aerostatos. No



Placa comemorativa à memória de Augusto Severo e do seu mecânico Sachet, aposta no local do acidente com o Pax, em Paris, e que vitimou o aeronauta e seu auxiliar

momento, as experiências com balões levavam a concebê-los com uma estrutura que dificultava a sua dirigibilidade, pois a parte que levava os motores e os condutores era apenas pendurada à parte inflada com gás. A propulsão fazia a "barquinha" – nave de controle –, puxar para frente o balão, causando mais resistência e trazendo incorreções à direção pretendida.

A contribuição do inventor norte-riograndense consistiu em tornar os dois elementos – barquinha e balão –, em um só conjunto e não dois independentes. Isto se faria possível se o balão em forma de charuto fosse atravessado, de ponta a ponta, por um eixo rígido. Este eixo seria, por sua vez, fixado à barquinha. O resultado seria que os dois elementos independentes se transformariam em um só corpo, eliminando os problemas que dificultavam a sua dirigibilidade, pois as hélices eram colocadas nas extremidades dos eixos, ou seja, na frente e atrás do balão.

Esta teoria, aparentemente simples levou o seu proponente, entretanto, a longos e aprofundados estudos e, convencido de sua viabilidade, realizou as experiências necessárias. Obtendo o êxito esperado, partiu para a demonstração pública a 12 de maio de 1902.

Um acidente vitimou Augusto Severo e seu auxiliar, o mecânico Sachet, o que pode dar a impressão do fracasso da experiência. Na verdade, nos momentos em que o "Pax" permaneceu no ar ficou demonstrada a viabilidade da solução proposta pelo inventor. O balão subiu até cerca de 400 metros e deslocou-se normalmente por sobre o casario de Paris, em direção a Issy-les-Moulineaux. O terrível acidente que interrompeu a experiência nada têm a ver com o novo desenho e inovações propostas por Severo. A dirigibilidade, conforme ele propunha fora devidamente comprovada.

O Rio de Janeiro reverenciou a memória de Augusto Severo, quando da trasladação de seu corpo embalsamado, que fora transportado por um navio para o Rio de Janeiro, envolto em uma bandeira francesa e sepultado no cemitério de São João Batista.

Em Natal a memória de Severo foi venerada nos primeiros anos após seu falecimento. A mais importante praça da cidade teve seu nome; em 1913 foi nela inaugurada a sua estátua. Todos os anos os jornais lembravam o 12 de maio e sempre havia uma solenidade em algum lugar. O "Hino a Augusto Severo" era cantado pelos estudantes e povo em geral. Não há dúvida de

que estas lembranças eram avivadas pela ação de Sérgio Severo e, depois do falecimento deste, por Augusto Severo Neto. Considere-se, também, que era irmão de Pedro Velho e Alberto Maranhão, que foram governadores do Estado.

É do conhecimento dos seus familiares que Sérgio Severo não cansou de procurar as autoridades e oferecer as relíquias que possuía para um Museu de Augusto Severo, desde que este fosse devidamente instituído e tivesse a necessária segurança. Faleceu sem ver cumpridas as promessas que ouviu. Seu filho e herdeiro também ouviu idênticas promessas e, sentindo que nada ia conseguir, resolver doar o acervo a uma instituição confiável. O Museu Aeroespacial, situado no Campo dos Afonsos, Rio de Janeiro, é hoje o proprietário das lembranças de Augusto Severo. Graças ao descaso das nossas autoridades com os assuntos da cultura e história locais, o Rio Grande do Norte está privado da posse de um bem de valor inestimável.

Algumas providências já foram sugeridas, entre elas a emissão de um selo postal, a instituição de concursos para estudantes, a publicação e gravação do "Hino a Augusto Severo" e a reedição do livro "O pioneiro esquecido (Biografia de Augusto Severo)". Uma boa matéria em emissora de televisão seria uma importante iniciativa como divulgação nacional. Não se deve esperar, entretanto, que os produtores da televisão se interessem por um assunto por eles pouco conhecido; eles têm que ser procurados e a edição negociada.

Já que tanto se falou do acervo de Augusto Severo, por que não sonhar com uma vasta exposição daquele material, organizada em grande estilo no Palácio da Cultura? Não seria impossível um empréstimo dos objetos pelo Museu Aeroespacial, considerando-se a importância da data.

É hora de juntarem esforços as entidades promotoras da cultura, a nível estadual e municipal, o Instituto Histórico e Geográfico, a prefeitura de Macaíba (onde ele nasceu), as autoridades da Aeronáutica em Natal, os museus da aviação, os políticos, empresários e o povo.

Não nos omitamos no momento em que devemos agradecer e reverenciar a memória de um idealista que tanto projetou o nome do Estado e que, na concretização de seu sonho, não viu sua glória, pois sacrificou a própria vida.

Claudio Galvão é historiador e pesquisador da cultura popular. Escreveu, entre outros, *A modinha norte-riograndense*, *Oswaldo de Sousa, o canto do Nordeste* e *A desfolhar saudades - uma biografia de Tonheca Dantas*.

De revisores e de traduções

José Augusto Rodrigues

Durante a Idade Média, até o séc. XVI, o termo utilizado para designar o profissional de medicina era *físico*, e não *médico*, inicialmente, talvez, por força do prestígio da família Médici (que significa "médicos", em italiano), que não queria que seu nome fosse confundido com os praticantes do curandeirismo. Os que não eram curandeiros, mas bons profissionais da saúde, eram chamados *arquiátrios*, cujos pacientes eram, em princípio, reis e nobres. Foi por isso que o livro *The Physician*, de Noah Gordon, tem o título em português *O Físico*, na tradução de A. Soares Rodrigues.



"Na minha tradução de Kondrotas, *A sombra da serpente*, o revisor foi cruel em sua incompetência lingüística"

Esse é um dos pouquíssimos casos em que um tradutor tem o seu trabalho respeitado pelos profissionais do *marketing* editorial. Nem sempre se pode culpar o tradutor pelas tolices que uma tradução apresenta. Traduzi *Té all'opio*, de Bianca Tam, para *Chá com ópio*, mas a editora Record preferiu *Chá de ópio*, que não tem nada a ver com o texto. Pode ter sido uma estratégia de *marketing*, que não entendo, mas consolame o fato de que não estou sozinho nessas trapalhadas. Por exemplo: a primeira edição brasileira de *Being there*, de Jersey Kosinsky, tinha o título genial de *O Videota*. O título burro do filme levou a editora a optar pelo insosso



Muito além do jardim, nas edições subsequentes. É por essas estratégias de marketing que um Shane vira, estupidamente, em português, *Os brutos também amam*, e *West Side Story* vira *Amor, sublime amor*.

O pior não é a inadequação do título, cujo original aparece nos créditos iniciais de um filme ou na folha credencial do livro impresso. O pior, no livro, são os erros grosseiros dos revisores despreparados, que o leitor atribui ao tradutor, por não ter acesso aos datiloscritos ou aos disquetes originais da tradução. Por exemplo, na minha tradução de Kondrotas, *A sombra da serpente*, escrevi: “Nunca o ouvi rir, nem a ele nem ao avô” (p. 19). O revisor foi cruel em sua incompetência lingüística, suprimindo as duas ocorrências da preposição. Pior ainda foi a revisão da minha tradução de *As máscaras*, de Régis Debray. No original, estava escrito assim: “Te quero, te quero tanto. Je t’aime, en français”. Traduzi desse modo: “Te quero, te quero tanto. Eu te amo, em português” (p. 20-21). O revisor da Record foi implacável em sua cega observância à literalidade da informação metalingüística: Te quero, te quero tanto. Eu te amo, em francês”. Para o leitor, há de ter parecido burrice da minha parte a idéia (já que a tradução traz a minha assinatura) de que “te quero tanto” seja uma frase francesa.

Em todos os livros que traduzi do nobelizado Nagib Mahfuz, a regência do verbo perdoar foi sistematicamente desrespeitada. Mas o pior está na nota da p. 266 de *O palácio do desejo*. Traduzi: “pega-se o espírito (...) e se estica ele (...)”. e pus em letras garrafais, a lápis, a seguinte observação, no datiloscrito: “Atenção, revisor, é estica, ele mesmo! Ele é o sujeito de estica”. Em português, não existe a combinação dos pronomes se e o. Não adiantou nada.

Tudo isso seria matéria de somenos importância, relegável ao esquecimento, não fosse a ferina observação de uma aluna de redação de um cursinho: “É. O senhor vê esses erros na gente, mas comete outros piores em suas traduções...”.

Não me dei, por preguiça ou desânimo, ao trabalho de explicar-lhe nada. Apenas sorri amarelo, porque ficaria feio chorar na frente da turma.

José Augusto Carvalho é doutor em língua portuguesa pela UPS. Escreveu os romances *A ilha do vento sul* e *Candaína*, os livros de contos *O braço e o cutelo* e *Órfã de filha*. Traduziu diversas obras do francês e do italiano para a editora Record.

Os segredos do vernáculo

José Melquíades

Falar uma língua é fácil: compreendê-la em sua essência lógica é difícil. Escrevê-la corretamente e com absoluta precisão é mais difícil ainda. A língua tem nuances e segredos que muitos entendidos desconhecem. Incriminou-se o vocábulo nuance acusado de galicismo. Caldas Aulete e Antenor Nascente não o registram em seus dicionários. *Nuança* vem do latim antigo *nube* – nuvem. Nube deu no francês arcaico o verbo *nuer*: espargir sombras e cores semelhantes às nuvens. Nuanças são as matizes diferentes das cores, alguns encantos da natureza. Em gramática, são os encantos da linguagem. Nuança não é um galicismo: é um latinismo.

Um dos assuntos mais melindrosos e delicados de um idioma é o estudo de sua etimologia com as raízes primitivas gerando cognatos e falsos cognatos. Essa filosofia da linguagem exige tempo, dedicação e muita paciência. Muitos ficam nas nuvens pensando que o céu é perto. Vejamos alguns exemplos desse trabalho de Hércules. Quem já leu algo sobre a história de Roma encontrou-se com *augúrios* e *auspícios*. Águro vem do verbo *auguro*: tomar os augúrios, pressagiar, adivinhar, tirar a sorte ou predizer o futuro. De *áugure* temos *agouro*, presságio tirado do canto ou do vôo das aves: *ave agoureira*. Acontece que *agouro* é o mesmo que *auspício*. Em latim, *auspex* e *auspicium* equivalem-se. Vem da raiz *avis* (pássaro) e *spic* (observar). *Augur* deu em português a forma divergente *autor* e *inaugurar*, ambos da mesma raiz. Exem-

plo divergente: de Cristo: cristão e cretino. *Tomo e tombo* – volume. *Torre do tombo* porque os documentos antigos eram guardados numa torre com o significado de *arquivo do estado*. Tombar: registrar, documentar: tombo, tomo – livro.

Janeiro procede de *Janus*, o deus das portas; o primeiro dia do ano lhe era consagrado. O ano romano começava em março dedicado a Marte, o deus da guerra. O que era consagrado à divindade (Janus) era o primeiro dia, na abertura do ano, a porta que se abria para o futuro. A estátua de Janus era bifronte: *Jano de duas frentes* dando a entender que ele olhava o interior e o exterior: o passado e o futuro. *Janua*, em latim, é o substantivo usado para porta: *Janua coeli* – porta do céu. Havia também as *januarias*, festas celebradas nas calendas de janeiro dedicadas a Jano (Janus).

De uma pessoa alegre, sadia e bem disposta diz-se *jovial*. Em latim é *jovialis*, aquele que pertence a Júpiter, o mesmo que *Jove* ou *Jovis*. **Jovialis stella** – constelação de Júpiter. De quem conhece bem os cânones gramaticais diz-se que conhece bem o *vernáculo*. A raiz de vernáculo é *verna* e quer dizer escravo. *Vernaculus* era o escravo nascido na casa do patrão, o doméstico. Depois passou a cidadão, identificado com a língua. Por evolução de sentido tornou-se o cidadão de Roma: *verna liber* – homem livre. Mais tarde, segundo Martial, era o livro escrito em Roma, produzido no próprio país, e daí *vernacula vocabula* – nomes latinos. Escrever em bom vernáculo é ser escravo do idioma. Desse modo gerou-se o sentido de vernáculo: a sutileza da língua.

A magia dos números

Os romanos achavam que os números eram sagrados. A geometria de Pitágoras se baseia na harmonia dos números. O número *Um* representava o infinito, a potên-

cia cósmica do eterno. A teologia eclesial não fugiu desses princípios. *Trino e uno* é a natureza de Deus por ser *Um* em três pessoas. Entre os cabalistas, 3 e 7 re-

velam maravilhas que só eles entendem a razão do seu esoterismo simbólico. Vejamos apenas alguns aspectos da evolução semântica.

As raízes dos números são de origem greco-romanas. O sistema numérico criado pelos árabes chama-se algarismo, sobrenome do matemático Muça, em árabe, **al-Khaw rizni**, que no ano 650 escreveu um livro baseado nos *nove sinais* descritos pelo bispo Seboki, que viveu na Mesopotâmia lá pelo ano 625. O sistema numérico romano baseava-se em sete letras: I, V, X, L, C, D. e M. A palavra *aritmética* vem do grego *arithmos* que significa número. As raízes dos números que usamos hoje em nossa Aritmética são de origem greco-romanos. Assim, pois, de *unus* nasceu a unidade *um*. Se contarmos 10 fardos de algodão, a unidade será um saco. De *unus*, em latim, temos *unidade*, *único*, *união* e *uníssono*. União (lat *unio*) é a ação de *unir* ou *reunir* dois ou três objetos em um só. *Uníssono* significa um som único: *unique*. Em inglês, a palavra *sindicato* é *union*: união de todos em defesa de um princípio. Já em português, sindicato procede do latim *syndicatus*, antigo magistrado dos colegiados, advogado de um *síndico*. Passou de *unus* a *plures*, da unidade ao coletivo.

Prior ou *pirus* (lat.) significava aquilo que estava adiante. Como se tratava de tempo e espaço, mudou-se o sentido para procedente, anterior. *Priores*, em Virgílio, são os ancestrais, os antepassados. O superlativo de *prior* é *primus* – o primeiro e daí nos vem *primate*, que tanto pode ser o primeiro ou principal na ordem dos mamíferos (aí entram os macacos – *primatas*), como também pode ser um clérigo em alta hierarquia eclesiástica: *primate* ou *prior* da ordem, aquele que exerce a primacia ou prelação: o primado de Pedro; o prior do convento.

Já o termo *hierarquia* nos oferece um dilema. *Hiero*, em grego, é sagrado, e *achy*, governo: *teocracia*. Hoje é uma simples graduação de classe, sem nenhuma sacralidade. Em grego, a palavra para *primus* (prior) é *protos*. No período proto-helênico, originou-se o *protótipo*, o primeiro da espécie. Em Roma, havia o *protonotarius*, o principal notário dos imperadores. Na Cúria Romana, o protonotário, hierarquicamente, é superior a todos os outros. Na formação do cristianismo, o terceiro *próto-martir* foi o “irmão do Senhor”, Tiago, grafia moderna

do hebreu Jacó, que tem o significado de *benção*. Tiago, o irmão do Senhor, não foi abençoado pelo Pai e morreu decapitado por Herodes Agripa, no ano 42. Quem mandou lhe mudarem de nome! De *protos* nos vem *protocolo*. Inicialmente significava a *primeira viscosidade* – cola. Os rolos de papiro eram grudados e agrupados com o visgo. *Protocolo* era a primeira folha do volume. Desgrudado desse aglomerado passou a ser chamado cópia de *memorandum* oficial. *Memorandum* é gerundivo de *memorare*, o livrinho de memória com os apontamentos para serem lembrados. O *protocolo* era também o caderno ou livro usado pelos notários para registro de atos públicos. Em que deu o protocolo? Simplesmente em sinecura com

latim, era uma ajuda de custo adiantada ao magistrado.

Outra palavrinha que perdeu toda eficácia é *secretário*. Antigamente era um guardião de segredos, das coisas secretas, sigilosas. *Eficácia* também perdeu a sua força ou o seu efeito. E que dizer dos segredos da secretária, daquilo que supostamente ela tem de *secreto* com o patrão?

Ainda na sequência dos números. Ficamos no *unus*. Pois bem, entre *unus* e *duo* devemos intercalar *sesqui* (lat.) equivalente a *semis*, *semi* e *qui*. *Sesqui* e *semi* se equivalem, no sentido de meio ou metade. *Sesqui*, propriamente dito, traduz-se por um e meio: *sesqui mensis* – mês e meio; *sequivir* – meio homem (eunuco). **Sesquicentenário:** centésimo



o seu chefe. Quando se quebra o protocolo dá em gafe (gaffe), galicismo de indiscrição involuntária. Outra palavra que nasceu de *protos* é *protagonista*. Na Grécia, o protagonista era o primeiro ator do drama. *Sinecura*, por sua vez, é uma expressão latina: *sine cura* (*sine*: sem; *cura*: cuidado, ofício, emprego). *Cura aerarii* era o administrador do tesouro. De tanto descuido e ociosidade na função pública a expressão aglutinou-se e se aportuguesou com o sentido de sem preocupação. Emprego ou lugar rendoso, no qual o felizardo desfruta da função recebendo sem trabalhar. Virou prebenda, cargo rendoso e de pouco ou nenhum trabalho. *Praebenda*, em

quicagésimo aniversário, ou seja, **um século e meio**. De *semis* (com a queda do s) originou-se *semicírculo*, *semibreve* e *semicírculo* – meio banho ou banho da cintura para baixo. Em grego, o equivalente a *sesqui* ou *semi* é *hemi* que gerou *hemisfério*, a metade do círculo ou do globo. *Hemistíquio* é a metade do verso. Pela raiz grega *di* – duas vezes – dispomos de *diploma*, em sua formação, um papel dobrado em dois. O diploma hoje está desvalorizado mesmo numa única dobra. Duplicidade em *Mestrado*. Temos o *dilema*, duplo argumento, premissa dupla. Em filosofia, há o *dilema do crocodilo*, um desafio que os filósofos

inventaram sobre alguns dos sentimentos entre pai e filho.

Já nos bastam as lágrimas de crocodilho com as quais os insatisfeitos acusavam os faladores do imperador Caracala, afirmando que as lágrimas que ele chorava eram de crocodilho. Como foram os gregos que inventaram a etimologia do crocodilho (*croko* – pedra: *drillos* – verme ou larva), as lágrimas derramadas pelo imperador Caracala deviam ser de um verme petrificado. Para usar uma sintaxe irregular de concordância pela qual uma palavra materializada no plural tem a idéia de singular, em Caracala lágrimas (falsas) é coisa que não lhe faltava; e daí o sentido de lágrima de crocodilho. Ainda em *di* temos *dicotomia*, divisão de um gênero em duas espécies.

O número *três*, entre os romanos, era um número sagrado. Dessa sacralidade nasceu a palavra trivial, aquilo que é sabido de todos: vulgar. Trivial vem do latim *trivium* – três caminhos (*tres viae*). Em Roma, era o lugar onde três estradas se cruzavam. Por deturpação de sentido, *trivium* passou a ser a praça pública onde as pessoas se reuniam para falar da vida alheia. Esses mexericos eram o *trivial*, conversa fiada de boca de rua. Nas universidades medievais, *trivium* tomou um sentido filosófico pelas três vias do conhecimento: gramática, retórica e lógica, uma subdivisão das 7 artes liberais. As outras quatro chamavam-se *quadrivium*. E se jovial era familiarizar-se com Jove (Júpiter), trivial era vulgarizar-se na via pública. De qualquer modo, jovial hoje é trivial.

Acontece com a palavra *trivial* o mesmo que aconteceu com o vocábulo *rival*, palavra que vem do latim com o substantivo *rivus* – rio. Rival era a pessoa que vivia na margem do rio e se servia de sua água. Os agricultores que habitavam nas ribeiras (*ripae*) opostas chamavam-se *rivales* – rivais. Por disputas de posse passaram a se *rivalizar* ou se degladiar. O termo, que nasceu no rio (*rivus*), com a rivalidade (*rivalistas* – oposição) pelo o usufruto da ribanceira e da água, passou a competidor. Com o tempo e a evolução semântica, virou até igualdade de merecimento: *poetas rivais*. Por último, gerou ciúmes entre dois pretendentes ao coração da mesma mulher; e assim é a evolução de uma língua viva muito fácil de ser falada e muito delicada de ser compreendida em sua essência lingüística.

José Melquíades é autor de *Saturnino*, *Cascudo* e *o Clube dos Inocentes*, *A morte do goitizeiro*, *História do Seminário de São Pedro*, entre outros.

Um olhar ao redor do mundo ...

Fernando José

No silêncio de uma noite
mergulho no meu próprio vazio,
iluminando as horas em completa escuridão.
Sopra aos ventos o pouco da brisa que sobra.
Sobre os andares alço vôo ao cosmo,
tal estrela perdida no céu.
Com o apagar do seu brilho,
suspira a magia que me toca
ao sabor do incenso hipnótico.
Canto a chama que queima o palito.
No prato vazio repousam as cinzas
de um ser que se consumiu no tempo.
Verei ao nascer do sol
a calma do vento preguiçoso
a caminhar sobre a areia da praia.
Os pés solitários pisam as conchas vazias de seus
músculos.
Caio em pensamentos sob as pedras
que suspiram com o gosto do sereno,
e nela sentirei a dor da solidão.
Caminharei por suas pedras e machucarei meu ego,
o meu espírito coberto de algas.
Afundarei nas tuas águas,
e assim calarei tuas palavras mudas,
afogarei tua fome de amor,
junto ao suspiro da minha noite.

Fernando José Gomes de Lima, norte-rio-grandense, é poeta. Escreveu *Labirinto* e *Marlene*.

ENSAIOS

Idéia Kelps
Goiás, GO
2001



Poeta, pesquisador e escritor fecundo, José Mendonça Teles é um goianense empedernido, ao contrário do seu irmão Gilberto Mendonça Teles, cidadão do mundo e sempre a caminho de outro lugar. A permanência prolongada na sua terra tem, porém, suas vantagens, quando se ama o lugar. Em "No santuário de Cora Coralina", José Mendonça Teles faz uma viagem sentimental à antiga Vila Boa de Goiás, ex-capital e hoje Cidade de Goiás, terra de Cora Coralina e de Dona Goiandira do Couto, a primeira, grande poetisa brasileira; a segunda, uma artista plástica original e brilhante. Dois capítulos do livro são dedicados a estudos coralianos: "Cora Coralina, por ela mesma", e "O universo vocabular de Cora Coralina". Um outro capítulo trata de Goiandira do Couto, e um quarto sobre Maria Augusto Calado, cantora lírica goiana que se projetou nacionalmente, através de composições populares, e que revelou ser uma pesquisadora importante da modinha goiana, a exemplo do que o pesquisador Claudio Galvão fez com a modinha norte-rio-grandense.

ENSAIO

Editora da Ulbra
Canoas/RS
2001



O título deste livro se reporta às biografias de dois jornalistas: Hipólito José da Costa, brasileiro que exilou-se na Inglaterra, onde publicou durante quase 15 anos ininterruptos o jornal "Correio Brasiliense", e o alemão John Peter Zenger, que emigrou para os Estados Unidos no séc. XVIII, desenvolvendo uma carreira pioneira no jornalismo americano como fundador do "New York Weekly Journal". Em "Construtores da liberdade", Raul Quevedo não quer fazer exatamente biografia, mas sim um ensaio onde traça um paralelo entre os dois personagens históricos, nascidos na mesma época e que tiveram em comum a construção de uma trincheira - a imprensa - de onde defenderam ideais libertários. Ao longo do livro, sempre em paralelo, os diversos obstáculos que Zenger e Hipólito enfrentaram para fazer triunfar seus ideais de liberdade de imprensa e expressão. O julgamento de Zenger é, nesse aspecto, exemplar, por marcar uma página que resume um importante momento da formação política dos EUA. As relações de Hipólito com a maçonaria também ficam bem evidentes no livro de Raul Quevedo.

POESIA

Editora Idéia
João Pessoa/PB
2001



Poeta e escritor paraibano radicado em Goiás, Paulo Nunes Batista é autor de uma vasta obra literária, que abrange as áreas do jornalismo, da crônica e da poesia. E é principalmente como poeta que esse extraordinário escritor se realiza, desdobrando poemas que provocam indagações e admirações várias. Explica-se, por isso, porque Ascendino Leite, outro poeta paraibano extraordinário, colocou-o entre os grandes poetas. Há poemas que dizem tudo (ou quase tudo) o que é preciso dizer. Paulo Nunes Batista tem poemas assim, como "Incendiei minhas naus": "Incendiei minhas Naus do Sonho,/ Não posso mais fazer-me ao mar.../ E nesta ilha em que aportei/ sou forçado a ficar...// Porque minhas naus queimei/ não posso mais navegar!/ Ninguém sabe, eu não sei/ o que é que vim buscar.../ Mas... descobro enfim/ que vim/ pelo não, pelo sim,/ tentar achar-me a mim!// E por cima de paus / e pedras, eu tentei/ reconstruir as Naus/ que incendiei!...". Em "Tempos no tempo", pergunta: "Por que será que todo céu/ tem antes dele um inferno?" É próprio dos poetas perguntar o irrespondível.

Correio d'Galo

LUÍS CARLOS GUIMARÃES E "O GALO"

Cheguei ao O Galo pela mão do escritor e jornalista Vicente Serejo, foi no final de 1999. De fato, no número de dezembro daquele ano tive meu primeiro artigo publicado nesse periódico e por esse motivo o recebi aqui em minha Belluno, pequena cidade do nordeste da Itália incrustada nos Alpes Dolomíticos.

Em princípio achei um pouco "particular" o formato de O Galo, mas vamos lá, em suas quarenta páginas, a qualidade do conteúdo me surpreendeu, ia do bom ao ótimo. Na página trinta e seis encontrei uma coluna que me chamou à atenção pelo nome - Pois é a Poesia - era assinada por Luís Carlos Guimarães e tratava das poesias do potiguar Luís Patriota, uma homenagem ao seu centenário de nascimento.

Pelo milagre da internet estabeleci um contato quase que diário com o editor Nelson Patriota, ele teve duas bondades, uma de publicar outros trabalhos meus e outra de mandar-me regularmente O Galo. No número de janeiro de 2000, nasceu o amor por Luís Carlos Guimarães, na poesia que escreveu para homenagear outra poesia magnífica: A Arca de Noé de João Gualberto Aguiar. Esse número, na seção Correio do Galo, me permitiu conhecer "pessoalmente" por fotografia Luís Carlos Guimarães.

Em outro número me deslumbro com Luís Carlos Guimarães contista e assim, devagar, mês por mês vou gostando mais do escritor, torna-se íntimo dentro de meus pensamentos, meu amigo, chego a imaginar que nos parecemos fisicamente, pergunto à minha mulher mostrando-lhe o retrato:

- Não somos parecidos?
- Claro, no branco da barba. - me responde ironicamente.

Não lhe dei ouvidos e continuarei a me achar parecido com o poeta, ponto e fim.

Maio, em minha pequena Belluno é um mês maravilhoso, a primavera desponta em toda sua exuberância. Pois é, foi nesse mês especial que Luís Carlos Guimarães desistiu de existir. Antes de assimilar o golpe, me chega uma carta sobre o assunto de Nelson Patriota, mas também no O Jornal de Hoje leio, no lirismo de Vicente Serejo como se deu a morte do poeta.

Patriota demonstra profunda tristeza e só consegui escrever-lhe o seguinte:

Antes de abrir minha caixa postal havia lido no O Jornal de Hoje a morte do Poeta Luís Carlos Guimarães. Invejei-o, junto com dois colegas havia tomado 8 garrafas de vinho, imagino a qualidade do papo. Assim, depois de espalhar seu trabalho e pelo que pude saber sua doçura, mudou de andar, lúcido, garboso, sem ser afetado pela degradação senil. Que beleza! morreu no luxo, bem-aventurado ele. Esse é o tipo de morte que não deveria ser permitida aos que não gosto e que deveria ser regra geral para os que amo. (23/5/2001)

Me chega agora a oportuníssima edição de O Galo de julho de 2001, uma bela homenagem a Luís Carlos Guimarães, aquele que como o herói das lendas gauchescas Martin Fierro, desejou "Morir con los botins", e assim foi feito.

Giulio Sanmartini

Belluno, 2 de novembro de 2001

ULLISSES

Alfred, Lord Tennyson

De que serve a um velho rei,
Junto a essa lareira silenciosa, entre esses penhascos ermos,
Casado com uma mulher madura, adjudicar e repartir
Leis desiguais para uma horda de bárbaros
Que entesoura bens, e dorme, e come, e não sabe quem sou?
Não consigo repousar do trabalho; beberei da vida
até a borra. Todas as vezes gozei
sem medida, sofri sem medida, fosse na companhia daqueles
que amei, fosse sozinho; em terra, e quando,
através de correntes de vento, as pluviosas Híades
enfureciam o mar. Fiz de mim um nome;
Vagando sem sossego, com um coração em ânsias,
Muito tenho visto e sabido – cidades de homens
E costumes, climas, assembléias, governos,
Eu não o menor dentre eles, mas sim honrado por todos –
E sorvi o prazer da batalha com meus pares
lá nas planícies sonantes da volúvel Tróia.
Sou parte de tudo isso com que deparei.
Ainda assim, toda experiência é um arco onde
reluz aquele mundo por trilhar, cujas margens recuam
sempre um pouco mais cada vez que avanço.
Como é tedioso descansar, determinar um fim,
definhar sem ter florescido, não destacar-se no agir!
Como se viver fosse tão-só respirar! Vida sobre vida,
coisa mesquinha. E da minha restou-me pouco;
mas cada hora é subtraída ao silêncio eterno

Algo acrescentado, portador de coisas novas.

E seria vil poupar e guardar por mais três sóis a mim,
A esse espírito cinzento que arde de desejo
por perseguir conhecimentos como uma estrela cadente,
para além da extrema fronteira do pensamento humano.

Este é meu filho, Telêmaco,

A quem deixo o cetro e a ilha, –

Meu bem-amado, com discernimento para realizar
Essa obra com medida prudência, capaz de abrandar
Um povo bruto e, a passos comedidos,
Elevá-lo às coisas úteis e boas.

O mais irrepreensível entre todos, centrado na esfera
Dos deveres comuns, firme para resistir às tentações
Dos favores, e apto a zelar com reverência
pelos meus bens domésticos
Quando eu partir.

Eis ali o porto. O vento enfuna as velas da nau;
Além, reverberam os mares sombrios e amplos.
Meus homens – seres que labutaram, forjaram e pensaram
Comigo,
Que, folgazãos, desafiaram trovão e sol a pino
Com coração e fronte livres – vós e eu envelhecemos;
Mas a velhice ainda tem seu tributo e sua cota de esforços.
A morte encerra tudo, mas algo antes do fim,



Ulisses e Circe (detalhe), de P. Tibaldi.

Algum trabalho de teor nobre ainda há que ser feito,
Missão condizente com homens que lutaram com Deuses.
As luzes começam a cintilar sobre as rochas.
O longo dia fenece; a lua sobe com vagar;
Fundos queixumes acercam-se a muitas vozes. Vinde, amigos,
Não é tarde demais para buscar-se um mundo mais novo.
Içai velas, tomai vossos postos e atacai as ruidosas vagas.
Meu plano é navegar para além do poente
onde se banham os astros ocidentais, até que me sobrevenha a
morte.
É possível que as correntes marítimas nos engolfem;
É possível que atinjamos as Ilhas Bem-aventuradas,
E vejamos o grande Aquiles, a quem conhecemos outrora.
Se muito perdemos, muito temos a conquistar,
E embora não tenhamos a força que, no passado,
Moveu terra e céus, o que somos, somos –
Uma só têmpera de corações heróicos,
Enfraquecidos pelo tempo e pelo fado, mas fortes de vontade
Para lutar, buscar, achar e não render-se.

Tradução de Nelson Patriota